



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ - UESPI
CAMPUS PROFESSOR ALEXANDRE ALVES DE OLIVEIRA
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA**

KAMILA PEREIRA SOUSA

**MEMÓRIAS, VIVÊNCIAS E LIBIDO FEMININA: RELAÇÃO DE DESEJO E
PUDOR NA VIDA PRIVADA DE PARNAÍBA-PI**

**PARNAÍBA-PI
2024**

KAMILA PEREIRA SOUSA

**MEMÓRIAS, VIVÊNCIAS E LIBIDO FEMININA: RELAÇÃO DE DESEJO E
PUDOR NA VIDA PRIVADA DE PARNAÍBA-PI**

Monografia apresentada como trabalho de conclusão do curso de Licenciatura Plena em História da Universidade Estadual do Piauí, Campus Professor Alexandre Alves de Oliveira, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciada em História, sob orientação do Professor Doutor Fernando Bagiotto Botton.

**PARNAÍBA-PI
2024**

S725m Sousa, Kamila Pereira.

Memórias, vivências e libido feminina: relação de desejo e pudor na vida privada de PI - Parnaíba / Kamila Pereira Sousa. - 2024.
52 f.

Monografia (graduação) – Universidade Estadual do Piauí – UESPI,
Curso de Licenciatura Plena em História, *campus* Professor Alexandre Alves
de Oliveira, Parnaíba – PI, 2024.

“Orientador: Prof. Dr. Fernando Bagiotto Botton.”

1. Memórias. 2. Mulher – Experiências. 3. Parnaíba (PI). I. Título.

CDD: 981.22



GOVERNO DO ESTADO DO PIAUÍ
UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ – UESPI
CONSELHO DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO
CAMPUS PROFESSOR ALEXANDRE ALVES DE OLIVEIRA
COORDENAÇÃO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA



ATA DE APRESENTAÇÃO DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO
(conforme RESOLUÇÃO CEPEX 014/2011 de 13 de maio de 2011)

Aos 03 dias do mês de junho de dois mil e vinte e quatro, às 10:00 horas, no miniauditório da UESPI – Campus Prof. Alexandre Alves de Oliveira, na presença da banca examinadora, presidida pelo(a) professor(a) **Fernando Bagiotto Botton** e composta pelos seguintes professores membros: **Alexandre Paz Almeida** e **Danilo Alves Bezerra**, o(a) aluno(a) **Kamila Pereira Sousa** apresentou o Trabalho de Conclusão do Curso de Graduação em Licenciatura Plena em História, como elemento curricular indispensável à colação de grau, tendo como título: **Memórias, vivências e libido feminina: relação de Desejo e pudor na vida privada de Parnaíba-PI**. A banca examinadora reunida em sessão reservada deliberou e decidiu pela aprovação da candidata. Eu professor Fernando Bagiotto Botton na qualidade de presidente da banca lavrei a presente ata que será assinada por mim, pelos demais membros e pelo(a) aluno(a) apresentador(a) do trabalho.
Obs.: A banca deliberou pela nota 9.5.

Documento assinado digitalmente
 **FERNANDO BAGIOTTO BOTTON**
Data: 04/06/2024 20:34:06-0300
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

Prof. Dr. Fernando Bagiotto Botton
Presidente da Banca Examinadora

Documento assinado digitalmente
 **ALEXANDRE PAZ ALMEIDA**
Data: 05/06/2024 19:46:19-0300
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

Prof. Dr. Alexandre Paz Almeida
Membro da Banca Examinadora

Documento assinado digitalmente
 **DANILO ALVES BEZERRA**
Data: 04/06/2024 21:59:26-0300
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

Prof. Dr. Danilo Alves Bezerra
Membro da Banca Examinadora

Documento assinado digitalmente
 **KAMILA PEREIRA SOUSA**
Data: 06/06/2024 08:19:05-0300
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

Aluno(a)

AGRADECIMENTOS

Queridos familiares, amigos, orientador e professores,

É difícil expressar em palavras a gratidão que sinto por cada um de vocês neste momento tão importante da minha jornada acadêmica. Agradeço do fundo do meu coração por todo o apoio incondicional, amor e compreensão que me concederam ao longo desses anos.

Gostaria de começar expressando minha profunda gratidão à pessoa mais importante, minha mãe, Francisca das Chagas da Silva Pereira. Ela nunca me deixou desistir em nenhum momento, sempre esteve ao meu lado, incentivando-me a continuar, mesmo nos momentos em que pensei em largar a graduação por achar que não seria capaz. Agradeço também ao meu irmão, Thiago Sousa, e ao meu pai, Manoel Sousa, pelo apoio durante todo o curso.

Ao meu amado namorado, Victor Mendes, que é um exemplo de ser humano e profissional, agradeço por toda ajuda e amor até aqui.

Aos meus queridos amigos, Lucas Borges, Victor Silva, Arielly Souza, Milena Cornelio e Livia Oliveira, expresso minha gratidão por estenderem suas mãos em momentos de dificuldade, por compartilharem meus desafios e por estarem presentes em todos os momentos importantes da minha vida. Ao meu grande amigo, Pedro Vagner, pelos sorrisos e conselhos neste mundo acadêmico.

Gostaria de expressar minha gratidão também aos professores Fernando Botton, Felipe Ribeiro, Danilo Bezerra e à professora Mary Angélica. Ao professor Fernando, pois ó admiro como ser humano e profissional e tive o privilégio de receber orientação com muita paciência. Ao professor Felipe, ser humano ímpar, que por diversas vezes mostrou como ver a vida pelo melhor que ela tem a oferecer, apesar das dificuldades, sempre com um sorriso no rosto disposto a estender a mão. Ao professor Danilo, que nos acompanhou desde o início do curso e sempre conseguiu me fazer tirar o melhor de mim nos trabalhos. À professora Mary Angélica, por ser referência de professora e mulher dentro da instituição.

Cada um de vocês teve um papel fundamental na minha trajetória acadêmica e hoje, quando concluo este trabalho. Obrigado por fazerem parte da minha vida e por tornarem esta jornada ainda mais especial.

O “Eu acredito que ela tem o tipo de magia que provoca revoluções e promove grandes descobertas. Não há nada que eu goste mais do que observar Gabriela no meio de um grupo de pessoas. Você sabe o que ela me lembra? Uma rosa perfumada num *bouquet* de flores artificiais.”

— Jorge Amado, *Gabriela, Cravo e Canela*

RESUMO

O presente trabalho traz como tema uma memória da vida privada, em Parnaíba, em que mulheres foram ouvidas em entrevistas, observando de que maneira elas lembram do passado juvenil e de que forma construíram suas trajetórias de vida, além de buscar compreender como experiências amorosas as impactaram. Enfatizando o resgate de vozes de mulheres parnaibanas é permitido uma reflexão sobre as formas de algumas condutas femininas na sociedade e as suas razões. Considerando o quantitativo de entrevistadas, não é possível aferir generalizações, apesar disso, torna-se relevante o resgate dessas memórias para analisar uma parte da vida que, muitas vezes, foi negligenciada dentro da história. Além disso, buscamos compreender melhor como era a relação dessas mesmas mulheres nas dinâmicas sociais daquele período, na cidade de Parnaíba. Este trabalho permitiu que as entrevistadas compartilhassem suas memórias e buscou valorizar suas experiências e pontos de vista.

Palavras-chave: Mulher; Parnaíba-PI, Memória; Experiências.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1 DAS PORTAS PARA DENTRO: BREVE CONSTRUÇÃO DO SEIO DA FAMÍLIA	15
1.1 COMPORTAMENTO ESPERADO	19
1.2 AMOR QUE MACHUCA	21
1.3 FILHOS	24
1.4 CASAR RESOLVERIA?	31
2 COMPORTAMENTOS DE TRANSGRESSÃO	34
3 MEMÓRIA LIBIDINOSA	42
CONSIDERAÇÕES FINAIS	45
REFERÊNCIAS	47

INTRODUÇÃO

Este Trabalho de Conclusão de Curso é uma pesquisa histórica de memória, em que focamos nas mulheres e suas relações com suas famílias dentro do campo de uma história da vida privada. Nossa metodologia principal de produção e análise documental foi a História Oral, o que nos permitiu realizar observações do cotidiano de mulheres e suas formas de lidar com adversidades da vida íntima, reconhecendo seu lugar social como mulher e, em alguns casos, como mãe.

O interesse nesse tema surgiu durante meu trabalho de vendas, pois enquanto vendia produtos eróticos em uma loja para mulheres, tínhamos conversas sobre sua vida amorosa, que me emocionaram em vários sentidos: com risos, lágrimas, raivas. A observação de como é ser mulher em diferentes idades e as experiências desse público mais fechado de clientes que, algumas vezes, compravam seus produtos escondidas, me despertou curiosidade. Embora existisse o interesse neste mundo privado feminino, esse fato me abriu a mente para expandir essa curiosidade para a área acadêmica. A escolha do tema foi algo arriscado, porém, durante a vida, sempre quis entender o imaginário que havia em torno do feminino e por que algumas coisas pareciam tão comuns, mas tão reprimidas ao mesmo tempo. Por exemplo, porque as pessoas gostavam de personagens femininas, como Gabriela, de Jorge Amado, mas condenavam quando uma mulher próxima tinha atitudes parecidas com as dela? Isso sempre me fez pensar a causa dessa seletividade. Apesar de reconhecer nomes importantes, que foram citados e devidamente referenciados ao longo da pesquisa, senti que andava de certa forma às escuras sobre como apresentar fatos dessas mulheres sem me tornar uma coletora de informações em fonte oral que, erroneamente, as usaria para a pesquisa e formaria apenas um banco de dados sobre elas, como disse Georges Duby. Diante disso,

[não] percebe que hoje em dia é urgente procurar salvaguardar a própria essência da pessoa, pois, demolindo as últimas muralhas da vida privada, o fulgurante progresso técnico desenvolve essas formas de controle estatal que, se não tomarmos cuidado, logo reduzirão o indivíduo a um número no meio de um imenso e aterrador banco de dados (Duby, 2009, p.10).

Além disso, tive uma preocupação em não tornar esse trabalho um repositório de fatos, por este motivo tentei contextualizar da melhor maneira possível as memórias dentro do tempo em que elas se passaram. Por isso, busquei pesquisar as intimidades das vivências femininas e externar ao público essa parte privada, que representa parte das experiências que ajudam a definir a vida adulta. Portanto, esta produção buscou deixar que o leitor se encontrasse com suas próprias crenças e noções de mundo à medida que a leitura lhe fizesse lembrar sobre alguém, alguma experiência que viveu ou algo que assistiu, pois inserido na mesma sociedade brasileira, hora ou outra, poderá evocar uma fala, atitude, comportamento mais conservador ou não, violência, traição, entre outras coisas que foram descritos aqui. Penso que o leitor desse texto poderá refletir acerca de seus próprios espaços, de seu convívio íntimo, em que cresceu e conviveu com uma dessas mulheres ou que passaram por situações parecidas. De alguma forma observar essas vivências sobre a ótica das entrevistadas, a partir de uma percepção feminina de situações, são elementos do cotidiano na história da cidade que somente a voz da mulher parnaibana poderia descrever.

O recorte histórico deste trabalho se passa nos anos de 1980 a 1990, na cidade de Parnaíba, no Piauí, além disso, foram consideradas, na pesquisa, as mulheres que viveram a adolescência e o início da fase adulta nesse recorte de tempo. Isso foi importante porque tive o interesse de observar de que forma as situações do cotidiano feminino podem condicionar a mulher a seguir determinadas condutas na vida adulta.

Para este trabalho, foram realizadas entrevistas com quatro mulheres, entre setembro e novembro de 2023. São mulheres contemporâneas do mesmo espaço, mas apenas duas se conhecem, pois têm a relação de mãe e filha, e todas compartilharam as experiências vividas e seus impactos no mesmo mundo. Referente à escolha das entrevistadas, foram considerados dois critérios: o primeiro foi a vivência juvenil dos anos 1980 a 1990; e o segundo o comportamento lascivo ou censurável socialmente em algum momento da vida, isso é importante para a pesquisa, pois neste trabalho foi usada a fonte das entrevistas acerca de vivências moralmente dissidentes. Por

meio desta História Oral, buscamos mulheres que subverteram o silêncio presentes em suas histórias (Perrot, 2005).

Pensada como uma história de proximidade, o objetivo central das entrevistas foi esperar que essas mulheres trouxessem à memória seu passado, refletindo no presente. Por conta da sensibilidade do assunto, optei por não fazer perguntas diretas sobre suas experiências sexuais ou dissidentes, porém, apresentei os temas de interesse da pesquisa permitindo que falassem o que quisessem, mantendo-as confortáveis.

Assim, pedi para que falassem do que se lembravam da infância, adolescência e início da fase adulta na área de relacionamentos amorosos, de amigos ou familiares, também pedi para que falassem do que viveram na juventude e como era ser uma mulher jovem naquele período. À medida que a conversa fluía, as entrevistadas compartilhavam suas experiências boas e ruins, avaliando-as com as perspectivas mais recentes sobre sua vida de forma que a ênfase fosse atribuída ao significado e não, exclusivamente, ao evento que falavam. Para um melhor amparo metodologicamente, compreendi essas entrevistas como História Oral, pois, segundo Alessandro Portelli,

A importância do testemunho oral pode se situar não em sua aderência ao fato, mas de preferência em seu afastamento dele, como imaginação, simbolismo e desejo de emergir. Por isso, não há “falsas” fontes orais. Uma vez que tenhamos chegado sua credibilidade factual com todos os critérios estabelecidos do criticismo filológico e verificação factual, que são requeridos por todos os tipos de fontes em qualquer circunstância, a diversidade da história oral consiste no fato de que afirmativas “erradas” são ainda psicologicamente “corretas”, e que esta verdade pode ser igualmente tão importante quanto registros factuais confiáveis (Portelli, 1997, p. 37).

Esse método foi importante para permitir que as mulheres de interesse do trabalho falassem por si, além disso, esses esclarecimentos não poderiam ser acessados de outra forma, portanto as entrevistas duraram cerca de uma hora. Importante ressaltar que três entrevistas foram feitas em dias diferentes, pois duas das entrevistadas, por terem uma relação de parentesco, optaram, voluntariamente, por serem entrevistadas no mesmo dia. A primeira entrevista aconteceu no dia 21 de setembro; a segunda no dia 28 de outubro; e a terceira no dia 01 de novembro, todas no ano de 2023.

Com o comprometimento na metodologia e qualidades como profissional na disciplina me utilizei de pseudônimos para me referir a cada entrevistada, retirando referências da literatura e teledramaturgia brasileira, inspiradas naquilo que refleti enquanto a personalidade de cada entrevistada.

A primeira delas, Dona Paz, de 80 anos de idade, nasceu em dezembro de 1944, veio do sertão cearense para Parnaíba, no Piauí, e trabalhou em uma fábrica de peixes no litoral, onde perdeu o emprego por se envolver na defesa de outras trabalhadoras que estavam em maus tratos. Depois de demitida se tornou artesã e vendia de porta em porta suas confecções até se tornar professora na Escola Normalista; teve cinco filhos, seu do marido a abandonou nos anos 1970, sofrendo preconceito por ser uma mulher solteira, com crianças para criar. Dona Paz, atualmente, tem um patrimônio em imóveis que conquistou com muito esforço, seu pseudônimo foi escolhido inspirado na novela *A Dona do Pedaço* (A DONA, 2019). Na novela, a personagem veio de uma família pobre de justiceiros do sertão para morar na cidade, onde sobreviveu da venda de bolos caseiros na rua, semelhante às vendas da entrevistada; na trama, a personagem também conquista o seu patrimônio financeiro estável.

A segunda entrevistada tem 60 anos de idade, nasceu no dia 25 de fevereiro de 1964, é filha de Dona Paz e, desde criança, ajudava a cuidar dos irmãos; foi uma jovem que amava festas, bares e carnaval. Conhecida por muitos amores e por não tolerar desrespeito e hipocrisia da sociedade, relatou episódios da vida que guarda com muito afeto. Recebeu o pseudônimo de Tieta, inspirada na obra de Jorge Amado porque, assim como a personagem Tieta do Agreste, a entrevistada contou com muita alegria que “abalava” o bairro com suas aventuras.

A terceira entrevistada, Flor, com 58 anos de idade, nasceu no dia 03 outubro de 1966, seu pseudônimo também foi inspirado em uma obra de Jorge Amado. Assim como a personagem, a entrevistada relatou sonhar com o amor, porém, viveu um primeiro relacionamento de violência e abuso, a relação com a literatura também se assemelha pelas vivências extraconjugais e peripécias amorosas. Flor hoje é escritora e refez a vida por meio dos livros. Gostaria de ressaltar que, nesse caso, a própria entrevistada escolheu seu pseudônimo.

A última escolha foi o pseudônimo Capitu, retirado do livro *Dom Casmurro*, obra escrita por Machado de Assis. A entrevistada nasceu em 15 de setembro de 1955 e tem 69 anos, assim com a personagem do livro, foi uma jovem marcada pela vivência de ministério, evidenciada pela imprecisão entre aceitação e vontade própria. Capitolina tem dificuldade em expor seus verdadeiros sentimentos, além disso as nuances entre a interpretação do narrador do livro perante seu comportamento e o que realmente é verdade na história é o que causa o clímax da obra de Machado de Assis. Como a personagem, descrita socialmente com muita sedução e comportamentos de mulher dissimulada e “olhos de ressaca”, a entrevistada nos contou que viveu de muitos amores e sempre foi reconhecida por ser muito bonita e desejada naquela época nas palavras dela “não tinha um homem que não a queria”.

No tocante à estrutura deste trabalho, na primeira parte do texto é apresentada uma breve contextualização sobre as formas de famílias, incluindo o tipo contemporâneo, considerando as características sociais de cada fase. Utilizando os modelos descritos por Engels (1984), abordamos a construção do patriarcado e o casamento, atravessando aspectos religiosos e de contrato desde as formas de dominação pelo sistema paterno até o uso do casamento como forma de controle feminino e influência da educação de mulheres dentro e fora de casa, definindo assim os papéis de gênero, ou seja, os deveres do masculino e do feminino. Em seguida, abordamos o trabalho feminino, dentro das expectativas relacionadas à maternidade, enquanto os homens, ao contrário, sempre são estimulados a buscar a sexualidade dentro ou fora do casamento. Quanto ao trabalho, os homens estão autorizados a praticar o empreendedorismo e o externo ao lar para seu desenvolvimento pessoal e sexual, enquanto isso a autonomia feminina sempre foi desestimulada de forma proposital como forma de controle de seus corpos e sua vida e as consequências é seu dever familiar para com lar.

Na terceira etapa desta pesquisa, abordamos as complicações da mulher em um relacionamento hetero-cis tóxico com um homem e os aspectos de manipulação, imposição de lugar de gênero, violência doméstica e o resultado disso na vida das vítimas, em que as entrevistadas relataram as dificuldades de se sobressair desta situação. Para finalizar, refletimos sobre a ideia do termo libidinosa, em outra perspectiva, redefinindo memórias ruins,

amorais e pejorativas, como um termo de expressão, de desejo e busca de prazer consensual, para isso, ressignificamos e realocamos essa palavra, focando nas mulheres que relatam as suas experiências como forma de empoderamento e domínio de sua sexualidade.

Portanto, este trabalho é resultado de entrevistas e análises da pesquisadora, pois, como fruto da história oral, não é possível extrair de apenas uma versão, inteiramente, a complexidade dos fatos ocorridos, porém, isso não tira a validade da fonte, pois como o foco do trabalho, mencionado anteriormente, é o interesse de ouvir o lado feminino da história.

Pseudônimos	Idade(em 2024)	Referência da escolha
Dona Paz	80 anos	Novela Dona do Pedaço(Walcyr Carrasco)
Tieta	60 anos	Tieta do Agreste(Jorge Amado)
Flor	58 anos	Dona Flor e seus maridos(Jorge Amado)
Capitu	69 anos	Dom Casmurro(Machado de Assis)

Fonte: tabela da autora

1 DAS PORTAS PARA DENTRO: BREVE CONSTRUÇÃO DO SEIO DA FAMÍLIA

Para compreendermos a lógica familiar padrão do século XX é interessante iniciarmos o debate percebendo a “evolução” familiar ocorrida na sociedade ao longo da história. Iniciamos compreendendo, sucintamente, os modelos apresentados por Engels (1984), a fim de compreender de que maneira chegamos até a conjuntura atual.

Segundo o autor, os modelos de famílias sofreram alterações baseadas na configuração social do período histórico em que estavam inseridas (Engels, 1984). Assim, o modelo como conhecemos de família monogâmica e tradicional foi o quarto modelo familiar, previamente a ele estão outros, os quais são debatidos ao longo do trabalho, analisando sob a ótica da mulher. Desse modo, a Família Consanguínea é a mais primitiva com a característica de práticas sexuais com membros da mesma tribo, curiosamente, onde já existia uma espécie de acordos de poliandria¹ (Engels, 1984).

O segundo modelo foi o modelo familiar, chamado de Punaluana, em que filhos e pais eram excluídos das práticas sexuais. Nesse modelo, sabe-se que a paternidade era incerta, porém, a maternidade não. Na prática, o matrimônio na consistia em um evento entre homem e mulher, em que o homem definia uma mulher principal entre as outras várias e vice-versa (Engels, 1984).

O penúltimo modelo familiar primitivo era sindiásmico, marcado pela redução do círculo conjugal. Nesse modelo as famílias moravam na mesma casa de maneira coletiva, o que a difere das duas primeiras é a formação de um único casal. A figura da mulher foi, aos poucos, se tornando um certo tipo de propriedade do homem, que garantia que sua prole fosse, exclusivamente, do seu “marido”. Contudo, ao homem não era exigido fidelidade e, aqui surgia a poligamia ocasional que era praticada apenas pelas mulheres. Houve também a exclusão dos parentes mais próximos e isso permitiu o matrimônio formado por grupos de pessoas mais distantes (Engels, 1984).

1

Estado de mulher casada simultaneamente com vários homens.

Atualmente, o que ainda se mantém, na conjuntura familiar monogâmica, está relacionada à subordinação dos filhos e da esposa ao marido e, nesse cenário, as divisões dos papéis de gênero se tornam mais claras. Está a cargo do homem produzir os herdeiros de seus bens, contribuir financeiramente com o arranjo familiar, enquanto para a mulher delega-se a administração do lar e criação e educação dos filhos (Engels, 1984).

Nesse sentido, essa fase apresenta alguns estágios de evolução que, segundo Engels (1984), tem a formação do estado de matrimônio dividido em grupos: a barbárie; o matrimônio sindiásmico; e a civilização, corrompendo a monogamia, que contém dois pontos complementares: adultério e prostituição. Apesar disso, não podemos considerar a naturalização desse comportamento, afinal o ser humano é dotado de consciência e não deveria inferiorizar a mulher e nem superiorizar o homem como algo natural. Ao fazer isso, o ser humano aceitaria a condição de ser igualado a um animal irracional, ignorando os fatores culturais e sociais presentes na sociedade.

Ao avançarmos, historicamente, percebemos que a influência ocidental colonizadora romana influenciou a célula social familiar, tal fato começa na estrutura patriarcal da *pater familia*, em que cabia ao homem a função de chefe e pai, possuindo autoridade sobre a vida e morte dos filhos, netos, noras e escravos como um grande patrimônio.

Segundo Carlos Gonçalves (2017), esse poder paterno pertencia somente ao pai, que tinha direito de vender seus filhos, bem como, impor-lhes castigos e penas corporais. Com o passar dos anos, a religião e os cultos mudaram, moderadamente, as estruturas em relação ao casamento, pois exigiam do cônjuge um nível de atenção ao matrimônio; essa transformação ocorreu em função da adoração às divindades, ou seja, essa concepção de sobrenatural introduziu, no centro das vidas, a fé. Dessa forma, as relações se ligam a outros afetos que os unem, considerando que a falta deles era início de motivação para considerar a separação e o divórcio, como explica Gonçalves:

Em matéria de casamento, entendiam os romanos a *affectio* não só no momento de sua celebração, mas enquanto perdurasse. A ausência de convivência, o desaparecimento da afeição era, assim, causa necessária para a dissolução do casamento pelo divórcio (2005, p. 16).

O medo da morte e desejo de conquistar a eternidade em paz é, também, instrumento de ligação no matrimônio. Segundo Fustel de Coulanges:

Foi a partir do culto aos antepassados, por meio de adorações, como o fogo, que a formação da família teve início. A religião representou o principal elemento constitutivo da família antiga; ou seja, pelo culto ao mesmo antepassado, surgiram às entidades familiares e, por meio do casamento, a mulher abandonou o culto do lar paterno, para prestar culto ao antepassado a que o marido pertencia (Coulanges, 2003, p. 14).

Dessa forma, a mulher abandona as raízes de casa para se dedicar inteiramente ao seio da nova família. Considerando o selo espiritual sobre a relação matrimonial, colocou-se, ao passar dos anos, no casamento e na geração de filhos, uma ordem comum de mandamento que se mantém até hoje, histórica e socialmente, falando como fase de todos no processo de amadurecimento humano: crescer, casar e gerar filhos é algo natural.

A Igreja Católica utilizou esse artifício para introduzir o casamento como um sacramento cristão, sendo advindo da Idade Média e relevante para observar uma orientação sobre a prática, atribuída ao Paulo na carta de Efésios, pois para ele, o homem e mulher se tornam uma só carne no casamento. Apesar da submissão ao marido sempre ter sido um direcionamento familiar anterior a isso, perceber o que está escrito no texto revela o sagrado que envolve mais do que a vida terrena, uma ordem direta do Criador, o que torna mais difícil pensar em desobedecer a essa ordem.

Esposas, cada uma de vocês deve se sujeitar ao seu marido, como ao Senhor, pois o marido é o cabeça da esposa, como também Cristo é o cabeça da igreja, que é o seu corpo, do qual ele é o Salvador. Como a igreja está sujeita a Cristo, assim a esposa esteja sujeita em tudo ao marido. Maridos, cada um de vocês deve amar a sua esposa, assim como Cristo amou a igreja e entregou-se por ela para santificá-la, tendo-a purificado pelo lavar da água por meio da palavra, e apresentá-la a si mesmo como igreja gloriosa, sem mancha, nem ruga, nem coisa semelhante, mas santa e sem culpa. Da mesma forma, os maridos devem amar, cada um, a sua esposa como ao seu próprio corpo. Quem ama a sua esposa ama a si mesmo. Além do mais, ninguém jamais odiou o próprio corpo; antes, alimenta-o e dele cuida, como também Cristo faz com a igreja, pois somos membros do seu corpo. "Por essa razão, o homem deixará pai e mãe e se unirá à sua mulher, e os dois se tornarão uma só carne." Este é um grande mistério; refiro-me, porém, a Cristo e à igreja. Portanto, cada um de vocês também ame a sua esposa como a si mesmo, e a esposa trate o marido com todo o respeito (Bíblia, Efésios 5:22-33).

As descrições bíblicas: “marido é o cabeça da esposa” e “esposa esteja sujeita em tudo ao marido” abrem brecha para violências e demais abusos, pois lida com má fé, podendo ser facilmente interpretado e usado como artifício de silenciamento feminino impedindo as contrariedades da mulher.

Avançando na história e no período absolutista, o Rei precisava garantir jurisdição sobre o assunto. Percebendo o pilar de influência fundamental que a instituição casamento havia se tornado, os direitos foram necessários para consolidar os valores e regimentos educacionais. O ponto primário do casamento civil começou na Revolução Francesa, o qual era obrigatório assim como o religioso, tornando-se um contrato. Não poderia ser diferente, afinal de contas o Estado Liberal do século XIX revisou os direitos e as leis uma série de vezes e a mulher nunca foi privilegiada. A situação mudou, consideravelmente, no final do século XVIII, pois enquanto os homens estavam lutando em guerra, as mulheres trabalhavam em fábricas. Embora nesse início de autonomia feminina as condições fossem insalubres, com 16 horas de trabalho e salários menores para fazer as mesmas funções que os homens, o trabalho feminino foi fundamental para emancipação da mulher ao longo dos anos (Araújo, 2002).

No Brasil não foi diferente do resto do mundo. No século XIX o país era governado por uma aristocracia agrária que seguia a formação da família patriarcal com o poder nas mãos do pater que se seguiu até o século XX. Segundo os artigos do código civil de 1916, o chefe da sociedade conjugal tinha comunhão de bens em caso de filhos naturais, portanto, filhos incestuosos ou fora do casamento não eram incluídos.

A divisão social de mulheres em elite e em classes populares ficou mais acentuada nessa fase. Dessa forma, a “Mulher ideal” no Brasil era representada pela figura feminina cristã, devido à catequização no período da colonização portuguesa no início dos anos de 1549. Portanto a Santa Maria, mãe de Jesus, era exemplo para as “moças de bem”, pois casou virgem, era serva de Deus e da família, além de submissa ao marido. Assim como Maria, as mulheres de “valor” deveriam estar em casa cuidando do lar e não trabalhando fora de casa, afinal, o marido era o provedor da família, como José, e Maria cuidava do lar.

Contundo, essa configuração servia apenas para mulheres da elite, pois as mulheres negras no Brasil estão historicamente ligadas ao trabalho, seja

pela escravidão ou pela memória dela. No tocante ao feminino, a questão se agravou ainda mais porque havia outra consequência da escravidão, a fragmentação da família da mulher negra, pois elas foram obrigadas a servir na criação dos filhos das mulheres brancas e/ou satisfazer os desejos dos senhores. Esse fato tirou a perspectiva de construir sua própria família, pois, ainda que tivessem filhos do ventre, esses mesmos eram gerados, muitas vezes, para servir como mão de obra escrava. Outro fator, o leite de seus filhos era dado para amamentar os filhos das senhoras, ou seja, abusavam de seus corpos e destruíram seus afetos. Como percebido na passagem abaixo:

Da escrava ou sinhama que nos embalou. Que nos deu de mamar. Que nos deu de comer, ela própria amolengando na mão o bolão de comida. Da negra velha que nos contou as primeiras histórias de bicho e de mal-assombrado. Da mulata que nos tirou o primeiro bicho-de-pé de uma coceira tão boba. Da que nos iniciou no amor físico e nos transmitiu, ao ranger da cama-de-vento, a primeira sensação completa de homem (Freyre, 2003, p. 283).

Essa condição de servidão tornou esse grupo de mulheres mais suscetíveis, historicamente, às violências. Nesse sentido, Gomes (2014, s/n) explica, em *A Origem do Trabalho Doméstico no Brasil*, que a atividade desenvolvida pela empregada era “[...] de mucamas, amas de leite, costureiras, aias, pajens, cozinheiras, também cuidavam dos filhos dos senhores, transmitiam recados, serviam à mesa, recebiam as visitas e etc.”

Atribuídos esses afazeres ao longo da história, a memória do cuidar da casa, filhos e trabalho persistiu, afetando a mulher negra e a mulher branca em diferentes posições “Branca para casar, mulata para f..., preta para trabalhar.” (FREYRE, 2003, p. 84) Algo como uma espécie de sadismo do homem branco, afinal a repulsa amorosa do corpo da mulata era contrastada pelo desejo sexual. Dessa forma, a expressão foi usada por Gilberto Freyre em *Casa Grande e Senzala*, pois descreve bem os papéis estruturantes e afetivos dos homens da geração de 1930, comportamento estabelecido e legitimado naquele período, visto que, no século XIX, com as teorias raciológicas, acreditava-se que um casamento interracial poderia causar degeneração física e/ou mental, por essa razão, não escolheriam o risco de gerar filhos e herdeiros naquele estado.

1.1 COMPORTAMENTO ESPERADO

A configuração familiar na qual mulheres são provedoras da casa é comum na classe trabalhadora, apesar do padrão burguês ser o padrão primário e desejado ideologicamente, a raiz escravista e patriarcal no Brasil empurrava as mulheres à reprodução e força de trabalho doméstico. Sua subordinação da sexualidade à vocação maternal, “[...] em oposição ao homem que conjugava à sua força física, uma natureza autoritária, empreendedora, racional e uma sexualidade sem freios”. (Soihet, 2002, p,14).

Segundo Margareth Rago (2018), a medicina considerava que a “mulher de valor” seguiria dois caminhos: ou seria o instinto natural, de ser mãe, ou o de responsabilidade social que, em outras palavras, seria cuidar do lar. Para as mulheres a sexualidade era impedida antes do casamento e, depois, restringida ao âmbito do casamento, exclusivamente (Rago, 2018). Nesse sentido, as mulheres que não seguiam o comportamento moral estavam susceptíveis a receber adjetivos ligados à prostituição para desqualificá-las e tirar o seu valor como ser humano, pois qualquer conduta feminina ligada ao sensualismo ou empoderamento, por meio do trabalho, era fortemente reprimida e, desta forma, se manteve por muitos anos, Elisangela Cardoso explica que,

Para os rapazes, a dupla moral reinante assegurava o consumo do desejo através da prostituição e, em alguns casos, mediante o acesso ao corpo da casada, que se permitia realização erótica fora do matrimônio, bem como mediante a sedução de mulheres pobres. No caso das moças de família, o único espaço legítimo de fruição do prazer era o casamento. A despeito disso, amor, sexo e erotismo enredaram-se fora dos laços do matrimônio. A representação do ato de amar como sinônimo de fusão dos corpos legitimou o intercuro antes do casamento, notadamente, nos anos 1950. O fato de vivenciá-lo constituiu uma expressão e prova de amor (Cardoso, 2010, p. 481).

Em outras palavras, era comum, entre os homens, as exigências de provas de amor, na maioria das vezes, estarem ligadas à virgindade das moças com quem eles se relacionavam, isso prejudicava a mulher nos mais variados sentidos. O primeiro deles era o fato de que uma mulher desvirtuada não poderia ser considerada uma dama e, não sendo uma dama, era desrespeitada e adjetivada com ofensas relacionadas à prostituição. Outro exemplo, se

engravidasse, a situação ficava ainda pior porque, além de mal falada, a gravidez era prova de depravação para a sociedade, o que desencorajava o homem a querer casar, abandonando-a. Não é à toa que ser mãe solo, atualmente, segue sendo mal visto socialmente.

Outro ponto é que isso poderia facilitar abusos sexuais, afinal de contas, uma pressão psicológica poderia atrapalhar a decisão final da mulher. Considerando que ela estivesse emocionalmente ligada ao homem, o pedido da tal prova de amor era quase inegável, adicionado ao fato de que pouco ou quase nada era falado sobre sexualidade feminina no seio da família, o que agravava ainda mais impercepção do abuso.

1.2 AMOR QUE MACHUCA

Partindo para as entrevistas e conhecendo melhor essas mulheres começaremos pela fala de Flor, uma mulher nascida no Maranhão e criada em Parnaíba no Piauí. Em seu primeiro casamento com o homem que se relacionou desde a adolescência, pela falta de experiências anteriores, viveu abuso dos quais não tinha consciência na época:

Ele era cheio de paqueras e eu ficava com ele aí um dia eu tava com ele, até gostava. Eu disse: Amor você vai na minha escola a noite! Ele saiu para casa dele depois disso. Aí depois a gente vai pegar um amigo do namorado da minha colega igual tava na casa dele, a gente ia lá ficar na calçada lá todo mundo já morando aqui no Bairro São José.

Do nada eu senti um negocinho aqui nas pernas. E eu disse: Que é isso, menino? Ele disse que não era nada e não tem nada não. Depois eu nem imaginei que ele tinha gozado, sabe? O que era eu nem percebi que ele gozava nas minhas pernas não sabia o que era (Flor, entrevista de pesquisa concedida em 03 de outubro de 2023, na cidade de Parnaíba, arquivo pessoal)².

Bourdieu explica que o assédio sexual nem sempre precisa chegar à penetração, as vezes a relação se satisfaz pela dominação (Bourdieu, 2007). Desse modo, se o relacionamento apresenta um caráter de dominação é porque está pautado na separação do imaginário pré-concebido do que é feminino e masculino, logo, respectivamente, entende-se por sujeito passivo o que acata e ativo o que domina. Nesse sentido, a situação da Flor se mostra

² A entrevistadora da pesquisa foi a própria pesquisadora.

mais complexa, pois ao longo dos anos, a violência e a manipulação eram mais escancaradas. O comportamento abusivo ficou mais evidente no decorrer de sua narrativa e, com a maturidade, ela compreendeu o cenário em que estava inserida:

Era muito ciumento, sempre queria me controlar, vigiar as minhas amizades. E aos poucos, ele foi minando minhas amizades masculinas e eu fui deixando tudinho aí fiquei só com as amizades femininas e mesmo assim ele falava, ele tava lá esperando uma vez na hora do intervalo e eu saí com colega que a gente ia fazer uma pesquisa aí que eu tô lá dei de cara com ele. Ele falou: Porque você vai para onde com esse caroço (apelido pejorativo do rapaz)? Eu falei que eu vou fazer uma pesquisa, menino. Aí meu colega foi para escola e eu fiquei lá com ele, né. E aí o tempo foi passando e a gente era muito difícil na relação da gente, mas era bem bom apesar disso. Tinha momentos assim... Era porque ele era ciumento e ele me viu conversando com um garoto na esquina antes de trabalhar no Banco do Brasil, aí foi briga né. E aí depois se acalmava... gostava de sair com ele, porque ele era ciumento ele dizia que tinha gente que andava na rua por aí pra me vigiar, mas eu nunca me tentei isso não. Eu nunca tive medo das coisas dele, mas eu sempre contei para essas coisas, e por isso não ia passar férias em São Luís onde ele iria trabalhar (Flor, entrevista de pesquisa concedida em 03 de outubro de 2023, na cidade de Parnaíba, arquivo pessoal).

Nessa fala podemos perceber que, mesmo em outro estado, o homem tentava, a todo custo, controlar os comportamentos e amizade de Flor, mantendo a ideia de que haveria pessoas para vigiar para deixá-la em constante alerta. Interpretei a memória da entrevistada como uma violência psicológica, perguntei o que ela achava que poderia acontecer, a entrevistada respondeu que não levava à sério e acreditava ser mentira do companheiro.

Outra entrevistada também viveu uma relação semelhante, sofrendo violência física. Usaremos o pseudônimo, previamente explicado, de Capitu. Assim, Capitu afirmou que sempre foi uma mulher conhecida pela beleza, usava mini saias bem curtas e sapatos de salto que, segundo ela, “usava pra causar”. Visitava bares badalados, como o Igara Clube nos anos 1980, e dançava a noite toda. Além disso, contou, enfaticamente, que sofreu inveja e perseguições das amigas pelo comportamento, mas não se preocupava com isso:

Eu era conhecida por rainha da CIT³. Não sei o que era, mas os trabalhadores da companhia que me apelidaram e a minha mãe odiava! Não sei o porquê. Porque era só aquele vinho que eu tomava com os rapazes às vezes, eles poderiam ser mais humildes (pobres), assim que eles viviam na época e eu era como a rainha das rainhas. (Capitu, entrevista de pesquisa concedida em 01 de novembro de 2023, arquivo pessoal).

Capitu contou sorrindo sobre a memória acima, o afeto pelo domínio de estímulo pelo desejo masculino é algo marcante ao longo da fala de Capitu. Isso porque, para ela, é motivo de orgulho afirmar o quanto poderia fazer por intermédio dos desejos que instigava. Nos contou, também, que sempre foi uma mulher livre amorosamente, conheceu várias pessoas, mas quando perguntada sobre seu primeiro casamento, no qual sofreu agressões, não soube responder como começou a se relacionar com essa pessoa em específico. A escolha de não compartilhar essa memória pode ser interpretada como sinal de vergonha ou medo de demonstrar vulnerabilidade, é o que explica Pollak,

Essa tipologia de discursos, de silêncios, e também de alusões e metáforas, é moldada pela angústia de não encontrar uma escuta, de ser punido por aquilo que se diz, ou, ao menos, de se expor a mal-entendidos. No plano coletivo, esses processos não são tão diferentes dos mecanismos psíquicos ressaltados por Claude Olievenstein: "A linguagem é apenas a vigia da angústia... Mas a linguagem se condena a ser impotente porque organiza o distanciamento daquilo que não pode ser posto à distância. É aí que intervém, com todo o poder, o discurso interior, o compromisso do não-dito entre aquilo que o sujeito se confessa a si mesmo e aquilo que ele pode transmitir ao exterior"(Pollak, 1989, p. 8).

Pareceu que Capitu escolheu não lembrar, foi como se toda a sabedoria em lidar com o universo masculino tivesse falhado no momento em que precisou usá-la para escolher o matrimônio. Isso pode ocorrer pela interação da vivência e da aprendizagem para reinterpretar o passado, trazendo à lembrança ao presente, o que acaba interferindo na memória que foi moldada sob angústia ou silêncio de muitos anos pelo medo de punição ou julgamento. Sendo esse medo real ou imagético, o silêncio pode ser lido como artifício para manter a comunicação, porém, evitar reviver a memória (Pollak, 1989). Infelizmente se torna comum a mulher se culpar pela forma que é tratada em

3 Termo conhecido nos 1980 usado como brincadeira para se referir a pessoas que não gostavam de trabalhar ou eram conhecidas como "preguiçosas". CIT significava Companhia Inimiga do Trabalho.

uma relação, não se reconhecer no lugar de vítima, nesse caso, é consequência do modelo familiar ensinado ao longo da história, a programação do acerto feminino comportamental de boa esposa, boa mãe, boa dona de casa. Capitu seguiu sem explicar como conheceu o ex-marido e continuou a lembrança a partir do dia de seu casamento:

Casei com 29 anos, escondida da minha mãe que não queria. Mãe não queria que eu nem fosse lá ver ele, ele era alcoólatra saía de casa 02:30 da madrugada, das manhãs pra beber voltava às 7:00 da manhã, às 7:00 horas que ele voltava! Muito cedo da madrugada era aquele bebo antipático que implicava comigo do nadinha! Isso que me doía... aí me dava aquela lembrança do meu passado. Porra! Eu, filha única! Só pegava homem chique e rico e esse lascado aqui! Ele me batia! Até eu grávida ele me batia! (Capitu, entrevista de pesquisa concedida em 01 de novembro de 2023, arquivo pessoal).

A situação relatada por Capitu era grave e, enquanto falava, precisava de um tempo para se recompor. Em desabafo contou sobre o sentimento ambíguo que tinha sobre sua história:

A coisa que eu mais pedia a Deus era pra me ver livre dele, eu tinha nojo dele. Eu só não matei ele, eu não sei nem o porquê, mas eu tinha vontade de matar ele. Apesar disso, eu agradeço porque até hoje eu vivo da pensão dele (Capitu, entrevista de pesquisa concedida em 01 de novembro de 2023, arquivo pessoal).

Observa-se, pelos relatos, quão complexas são essas relações, pois, nesse caso, ainda que reconhecesse a violência, a vítima ainda se sentia na relação em que ela deveria agir como o esperado para a esposa, sendo o agressor o único provedor do lar. O ponto forte era o desejo de morte, entendido como uma forma de se libertar da situação em que vivia. Dessa forma, interpreto que a entrevistada não tinha tendência para crime, mas sim uma vontade de ir embora porque se via sem saída. A dependência financeira ainda aprisiona muito as mulheres, se pensarmos o quanto essa relação pode se tornar um mecanismo de abuso e violência psicológica, ela ainda pode resultar em doenças como depressão, isolamento social, ansiedade, entre outras (Bianchini; Bazzo; Chakian, 2022). Portanto, a saúde mental feminina precisa ser considerada em ambas as entrevistas, pois o terror de uma possível vigilância nas ruas e violência física em casa podem facilmente causar esses transtornos. Estando intimamente atrelada à sobrevivência e à função

familiar, a condição financeira se mostra como uma condição facilitadora para o agressor, foi o caso apresentado por Capitu, que não via saída além de voltar para casa e permanecer em sofrimento por muito tempo.

1.3 FILHOS

No que tange o imaginário popular que as relações familiares surgem de sentimentos amorosos e laços afetivos, culturalmente falando, um homem encontra uma mulher, casam e têm seus filhos. Isso é um modelo de família cristã padrão, algo previamente apresentado no início do trabalho. Contudo, esse modelo está em crise, a figura masculina vem perdendo o lugar de chefe de casa e as mulheres estão provendo e educando seus filhos. Um ponto importante observado nesta pesquisa foi as relações de término. Algumas entrevistadas enfatizaram que homens não estavam se portando como centro de suas vidas afetivas, em alguns casos só as impactava financeiramente falando, o que pode nos levar a questionar sobre o que as fizeram ir na contramão deste costume social? Para isso, analisamos outra entrevista, a de Tieta que, ao falar sobre as memórias que tinha de sua mãe criando cinco filhos sozinha, incluindo ela, após o abandono do pai nos anos 1970, afirmou que lembrava dos olhares e da falta de respeito, e percebeu que a mãe sofria por não viver mais sobre supostos cuidados e proteção de um homem. A entrevistada iniciou pela lembrança da relação da mãe, por ser a primeira memória sobre o assunto, afinal os laços com a pai e mãe tendem a marcar para sempre a vida dos filhos e, com Tieta, não foi diferente: ainda que sua mãe se portasse como chefe de seu lar, não conseguiu fugir das amarras do patriarcado no ambiente em que estava inserida. O status de divorciada, até a atualidade, é algo que salta aos olhos de algumas pessoas como se essa situação denotasse fracasso para mulher. Se isso vale até hoje, imagine que nos anos 1970 era algo ainda mais grave. O desquite da mulher tinha tom de promiscuidade, lascividade feminina, colocando-a na condição de mulher amoral mais facilmente, como foi o caso da mãe de Tieta,

As novas configurações familiares refletiam o intenso movimento de novas ideias, desejos e visões de mundo que circulavam na sociedade da época e rompia com dogmas longamente estabelecidos

pela moral religiosa e pela ordem liberal conservadora. Todavia, para as mulheres, persistia a cobrança das normas de comportamento e interdições mais rígidas. Desquitadas, e mesmo divorciadas, foram alvo de expressões depreciativas: separada, desquitada, mãe-solteira, deflorada, desonrada, 'amiga', prostituta, fácil, decaída, concubina, amante, teúda, manteúda, sirigaita e disponível eram palavras a elas dirigidas, inclusive no interior dos tribunais, evidenciando as representações arraigadas da cultura machista. (Fáveri, 2016, local. 5-6)

Desse modo, os signos funcionam como mecanismo de controle, nesse caso o signo se tornou a figura de poder masculino, funcionando como um processo intrapessoal, mediado pela linguagem dentro do contexto social-histórico daquele momento (Mollon, 1999). Por isso, a falta do símbolo/homem de estabilidade familiar, moral e respeito pareceu abrir as portas para o desamor das pessoas:

Quando ela ficou sem o marido, nessa época não podia ficar né? Todo mundo quis dizer alguma coisa com ela, pisar por cima dela que nessa época todo mundo queria pisar em cima da mãe, a mãe um dia foi andar de bicicleta e passou perto de uma mulher como um menino e o menino caiu e disse que foi a mãe que bateu neles. Tome confusão! A mãe andava sempre com um cocozinho (elástico de cabelo) no cabelo e escondido usava um punhal preso, a mãe bateu na mulher e ainda deu umas furada nela ainda, foram parar na delegacia! Na nossa frente morava um policial que ele era sargento, quando chegou na delegacia ele disse que a mãe não ia ser presa porque tinha cinco filhos para criar, mas o marido da mulher que tava acusando não gostou e falou coisa com a mãe, aí mãe mandou ele se calar se não ainda acertava ele (Tieta, entrevista de pesquisa concedida em 21 de setembro de 2023, arquivo pessoal).

Podemos ver a valentia feminina da mãe de Tieta pelo objeto cortante que carregava, constantemente, caso precisasse se defender, pois sabia dos riscos que sua situação de “solteira” lhe colocava. É comum ver que essa valentia, muitas vezes, é descrita por ditos populares como, “sou mais macho que muito homem” e em músicas que descrevem mulheres como, “mulher-macho sim senhor”⁴, uma forma de demonstrar coragem e força desse arquétipo de virilidade e força masculina, associado ao respeito pela masculinidade e, na falta do homem para proteção, a mulher deve performar atitudes masculinas para ser respeitada. Os modos de reação e bruteza que se performa o masculino e suas razões diversas são bem descritos por Durval

4 Música “Paraíba Masculina”, de Luiz Gonzaga.

Albuquerque Júnior e exemplifica os códigos comportamentais que associam às mulheres que se defendem como a mãe de Tieta fez.

Corpo pensado e treinado para se defender, para dominar a si mesmo e a outros, corpo treinado para ser reativo a tudo que vem de fora, corpo reacionário. Corpo adormecido, corpo censurado, corpo anestesiado, corpo pânico. O corpo masculino pensado e modelizado pela cultura judaico-cristã, pela cultura burguesa, é um corpo censurado e instrumental, um corpo docilizado, um corpo com medo de corpos (Albuquerque Júnior 2010, p. 26).

A mãe de Tieta também foi entrevistada e seguiu ao falar dos momentos em que precisou proteger os filhos das maldades que sofriam. Desse modo, a chamaremos pelo pseudônimo de Dona Paz, mesmo com as lembranças ruins, nos contou, com bom humor, sobre um dia em que ao chegar do trabalho encontrou uma de suas filhas chorando em casa. Ela saía para trabalhar cedo e voltava à noite, deixando as crianças em casa sozinhas, afinal dado as condições de abandono do ex-marido e, sem rede de apoio, precisava fazer jornada dupla: no trabalho e em casa (esforço comum em muitos lares do Brasil):

A minha filha era feinha, mas se alguém dissesse que algum deles era feio a confusão era feia comigo. A confusão começava por isso aí tinha a vizinha que se achava e teve um dia eu fui trabalhar quando eu cheguei em casa, tava a outra vizinha falando que a Dona Jesus andava aí com monte bosta dizendo que foi meu filho que jogou na porta dela, eu avisei que ia resolver, eu não deixava ninguém pisar em mim. E assim todo mundo me respeitava! Ninguém nem me chamava de Dona não, era pelo nome mesmo, ora mais, nem sou dona de nada. (Dona Paz, entrevista de pesquisa concedida em 21 de setembro de 2023, arquivo pessoal).

A proteção dos filhos foi algo marcante na vida de Dona Paz, observamos, primeiramente, uma certa diferença de olhares nas duas últimas falas, pois enquanto a filha notou o preconceito que a mãe sofria, a mãe, por sua vez, pareceu não perceber, pois possuía muitas demandas diárias e responsabilidades para se atentar; focar nesses sinais opressores só dificultaria ainda mais a força para as lutas diárias que Dona Paz precisava para vencer. Isso se estendeu para os netos, um fato marcante na vida dessas mulheres foi a chegada do filho de Tieta. Ressalto que, apenas Dona Paz, falou

sobre a gravidez da filha enquanto ela não estava presente, demonstrando ser um assunto delicado, optou por confidenciar algo nesse momento.

Dona Paz contou que, em uma viagem para Teresina, em que Tieta recebeu uma proposta de emprego, soube pouco da filha. Quando Tieta voltou de viagem um certo dia sem avisar, pouco contou do tempo que esteve lá e sobre a tal proposta. Aconteceu que, após sete meses em Parnaíba, Tieta começou a reclamar, e pensou estar doente, com isso, Dona Paz notou que as outras filhas estavam menstruando normalmente e Tieta não, então começou a desconfiar:

Eu comecei a perguntar: Tieta eu todo mês tô vendo tua irmã ir estender os paninhos dela no varal e tu nada. Ela respondeu: “Não sei não mãe, acho que tô doente”. Pois tu tá doente deveria ir no médico eu falei, ora deu uns dois meses ele nasceu. Ela se tacava fazendo confecção pra eu vender nas portas do povo. um dia eu cheguei, ela tava perdendo água ela se taca pro hospital sozinha, tudo dela foi sozinha a vida toda. (Dona Paz, entrevista de pesquisa concedida em 21 de setembro de 2023, arquivo pessoal).

Esse relato é um ponto interessante, Tieta passou pela gravidez em segredo, também não contava sobre o pai da criança, escolheu lidar com tudo sozinha. O silêncio, mais uma vez presente na narrativa feminina, semelhante ao trecho de Capitu (citado anteriormente) sobre o silêncio nas memórias, assim, “[...] o compromisso do não-dito entre aquilo que o sujeito se confessa a si mesmo e aquilo que ele pode transmitir ao exterior” (Pollak, 1989, p. 6). Neste caso pelas razões que tinha escolheu não contar à mãe.

Dona Paz também relatou que no dia em que Tieta esteve no hospital para o parto, tinha comportamentos estranhos. O nascimento do menino foi no dia 31 de janeiro de 1986, ela se dirigiu ao hospital sem muito preparo antecipado, não havia roupas leves e organização para isso, contou que a filha foi de short jeans mesmo, e na hora do bebe nascer enquanto estava lá em trabalho de parto nas mãos dos médicos se recusava a tirar a roupa e arrancava os próprios pelos com as mãos, como em um ataque de pânico ao ser tocada, contou que foi muito difícil convencê-la a deixar tirarem a roupa. Ela acabou aceitando, pois o bebê estava nascendo sem passagem devido às roupas que atrapalhavam. A criança nasceu prematura, um parto difícil, segundo a entrevistada, o bebê cabia em uma caixa pequena de sapato,

precisando ficar em uma incubadora para atingir o peso ideal. No entanto, após o parto difícil, Tieta deveria ir para a casa e a criança ficaria no hospital, ela se recusou e deu início a outro conflito para que os médicos liberassem o bebê:

Eu cheguei da confecção, ela tinha começado a perder água e eu digo corre pro hospital! Ela foi ao hospital, né sozinha eu já tinha falado pra minha colega que era parteira sobre ela. Aí ela disse: “Adelaide a mamãe mandou eu vir aqui”. “O que tu tem Tieta?”. “Tô perdendo água”. “Vou chamar o doutor”, o doutor veio, fez exame nela e disse “olha você vai passar a noite aqui, se não acontecer nada, você vai para casa e pode repousar que esse menino aí já tá perto de nascer”. Aí ela foi quando no outro dia deu uns dois dias depois lá se tava era puxando os cabelos e arrancando de short e arrancando cabelo. Aí eu disse que diabo que tu tem mermã? Eu acho que vou parir... E sai puxando tudo quando é de coisa, lá se foi a Reijane levar ela pro hospital quando chega lá, Adelaide me diz depois que a Tieta arrancava tudo que era de cabelo. Cadê ela querer tirar o short pra parir? Adelaide disse que foi a maior luta pra essa menina deixar tirar esse short pra parir. Quando pariu o doutor disse pra ela tinha que ir se embora que o menino ia ficar na incubadora porque era muito pequeno. Cadê que ela foi? Mas tu não pode que o menino vai morrer! Não quero saber. Bateu o pé e levou, igual o short que ela não queria tirar pra parir só tirou mesmo porque não podia parir de short, aí trouxe o menino quando eu olhei pro menino eu disse: esse daí não vai durar nem três sextas feira (Dona Paz, entrevista de pesquisa concedida em 21 de setembro de 2023, arquivo pessoal).

Dona Paz acreditava que o neto não resistiria por ser muito frágil e pela sua condição prematura de nascimento. Contudo, se propuseram a cuidar da criança, Tieta amamentou pouco devido à falta de produção de leite materno que ela não conseguia produzir. “Mas eu nunca dei um banho nele, acredita? tudo, tudo, tudo sempre foi ela”⁵, afirmou Dona Paz ao falar sobre os cuidados da filha com o neto.

Com o passar do tempo os comportamentos continuavam estranhos, conhecida por namorar e sair constantemente em festa, Tieta nunca mais foi vista namorando ninguém, pareceu se fechar para esta área da vida. As suposições passavam pela cabeça da família, até que, um dia, Dona Paz perguntou sobre o pai do bebe algo que ela não havia feito durante a gravidez. Ela afirmou, ao longo da entrevista, que sempre buscava respeitar a vida de suas filhas e não se intrometia, pois era algo particular, durante as demais falas observamos que as mães sempre tentavam intervir nas relações, na maioria

5 (Dona Paz, entrevista de pesquisa concedida em 21 de setembro de 2023, arquivo pessoal).

das vezes, as mãe tentaram proteger as filhas dos olhares maldosos e violências nos relacionamentos, como no caso de Capitu, também lembrado nessa parte do trabalho, o fato aqui foi que Dona Paz deixou passar anos para, enfim, tocar, enfaticamente, no assunto com a filha.

Um dia ele já tava grande bem uns 14 anos eu tornei a perguntar: quem é o pai do teu filho?! Ela não respondeu. E eu fui e perguntei a Tieta: tu foi estuprada? Ela disse não. Ora ela nunca mais arranjou ninguém, eu achei estranho. Te forçaram alguma coisa?! Ela disse que não. Tu sabe quem é? “Sei, mas não vou falar, o filho é meu e pronto” (Dona Paz, entrevista de pesquisa concedida em 21 de setembro de 2023, arquivo pessoal).

Até hoje ninguém da família e dos amigos sabe quem é o pai, apenas Tieta, que criou e registrou como mãe solo. Tieta disse à família que sabe quem é e reconhece o pai, porém, levaria o segredo para o túmulo e, em nenhum momento da vida, o aceitaria por perto, escolheu nunca contar e a família respeitou a decisão. O que percebemos é a força e a coragem dessa relação de duas mulheres na criação de uma criança nas mais diversas circunstâncias, isso retrata o cenário de várias outras mulheres parnaibanas. Se considerarmos a suposição de Dona Paz, sobre uma possível violência sexual sofrida contra sua filha, essa experiência trouxe consequências fatais à personalidade de Tieta, que escolheu não se relacionar com nenhum outro homem e pode ter lhe impedido de casar (se isso fosse seu desejo) ou se divertir, como fazia antes deste fato.

O assunto não foi perguntado diretamente a Tieta, a pedido de segredo de sua mãe, por saber que lembrar essa fase da vida a deixa abalada. Isso foi respeitado, e o que sabemos sobre esse fato foi descrito pela ótica de sua mãe.

O caso de violência sexual que podemos inferir da situação que Tieta (considerando a suposição de sua mãe) parece ter sofrido, infelizmente não acabou com o passar dos anos e nem os discursos de controle de corpos femininos que culpabilizam por não “fechar as pernas”⁶.

Mesmo com o avanço de discursos advindos da década 1960, com a segunda onda do feminismo (Zirbel, 2021) e as pautas sobre sexualidade

6 Expressão popular que faz referencia o ato de fechar a pernas como formar de solapar desejos e atos sexuais na maioria das vezes femininos.

crecendo, como expostos em novelas, com cenas de amor, o aumento de revistas femininas e a pílula anticoncepcional foram formas de desvinculação do sexo, exclusivamente, ao casamento e procriação. Dessa forma, aos poucos, diálogos entre mulheres, como forma de prazer feminino, desejos e maneiras de impor os limites sobre seus corpos, estavam avançando (Hamburger, 2007).

Ainda assim, nos anos de 1980 a 1990, a liberdade de falar sobre sexualidade feminina ainda era mais debatida em grandes centros e capitais. O acesso a métodos contraceptivos era mais facilmente encontrado em outras regiões mais desenvolvidas do país, como São Paulo por exemplo, diferentemente, de cidades interioranas, como Parnaíba, no Piauí.

[...] no Estado de São Paulo mostram que, embora exista maior diversidade no uso de métodos em São Paulo do que no Brasil e que mudanças ocorreram ao longo do tempo, existe um padrão semelhante que pode ser definido como o uso do anticoncepcional oral até os 30 anos e depois o aumento da esterilização feminina (Vieira, 2002, p. 270).

Segundo o Anuário de Segurança Pública, em 2021, houve um acréscimo de 10% nos casos de violência sexual registrados no Piauí. O Anuário contabiliza apenas os crimes denunciados, esse número pode subir se considerarmos as subnotificações, que são altíssimas devido a soma de fatores sociais e culturais, alguns previamente mencionados neste trabalho, que dificultam a denúncia.

Nas vítimas de estupro, a culpa aparece associada às fantasias de que elas foram responsáveis pela violência, seja pela roupa que estavam usando na ocasião, seja pelo horário em que se encontravam fora de casa ou ainda por acreditarem que poderiam ter se defendido do agressor. Ao sentirem-se parcialmente responsáveis pela violência, as mulheres temem que o estupro se torne público e que elas sejam estigmatizadas, culpabilizadas ou rejeitadas socialmente (Silva; Vassgostello, 2017,9-10).

Nesse sentido, falar abertamente sobre sexo e descobrir o próprio corpo e seus limites de toque ainda se mantinha, nas estruturas anteriores, como um assunto de homem, o que facilitava os abusos, pois as mulheres, sem debater sobre o tema, não conseguiam reconhecer ou se defender de uma violência e, quando silenciadas totalmente, também não pediam ajuda. Esse artifício de

controle funcionou, perfeitamente, na construção do patriarcado. Contudo, a violência de gênero emerge nessa análise como demonstrativo opressor que pode ser vencido por meio de apoio mútuo feminino, em uma relação de sororidade da avó (Dona Paz), da mãe (Tieta) e da parteira, amiga que recebeu e acolheu Tieta no momento delicado.

1.4 CASAR RESOLVERIA?

Repetindo ao longo da história no Brasil o assunto sobre sexo se mantinha como antigamente, conversado, em alguns casos, pelas mães de forma sutil na véspera do casamento. Na condição de casada, o medo de engravidar era relativamente deixado de lado, afinal era subentendido que, pelo contrato social, as mulheres que se casarem não seriam abandonadas e largadas à própria sorte. Se levarmos em consideração a esfera social brasileira, essa discussão não valia de nada em alguns casos, o homem-pai poderia estar na mesma casa, mas não assumir o papel da paternidade, deixando apenas para a mãe a criação dos filhos, isso quando não os abandonava.

Aconteceu com Capitu no relato anterior, pois enquanto grávida apanhava do marido e, depois do nascimento, o marido não teve contato com a criança por crescer em violência, presenciando as agressões do pai. Para Capitu, se desdobrar pra manter a relação matrimonial não era um cenário seguro e saudável nem para ela e nem para o filho. Não foi escrito nesse trecho, mas a entrevistada relatou que o marido morreu por decorrência de uma cirrose, viciado em álcool, ele adoeceu rapidamente. Com isso, o filho ficou sob os cuidados dela e sua mãe (no caso avó materna). No caso de Dona Paz, ela se esforçou para criar os cinco filhos sozinha. O sistema *pater familias*, como dito anteriormente, ensina os lugares sociais que cada pessoa deve estar dentro do âmbito familiar, estando o pai enquanto chefe da casa, da mulher e dos filhos, mas a criação era responsabilidade da mãe.

Nessa perspectiva, Dona Paz também se insere como vítima desse abandono, visto que ela e seus cinco filhos foram abandonados pelo seu ex-marido. Ela relata que vivenciou a fome de perto com suas crianças e, que para se sobressair da dor, ela inventava brincadeiras. Durante as noites que não

havia nada para comer, ela inventava a brincadeira de “comidinha”, chamava umas vizinhas para comer na sua casa e cada uma levava um prato de comida, Dona Paz doava à casa e assim alimentava os filhos nesses dias. Esse relato é uma memória dolorida, pois segundo ela, seu ex-marido poderia enviar os alimentos para os filhos, mas, em suas palavras, ele estava “namorando por aí”.

Eu fazia era assim, eu juntava todo mundo nem tinha cadeira pra sentar, era no chão, todo mundo comia à vontade tinha muito arroz porque todo mundo trazia alguma coisa tanto comia eles que trouxeram, como comia meus filhos, assim pronto! Todos meus meninos ficavam de barriga cheia (Dona Paz, entrevista de pesquisa concedida em 21 de setembro de 2023, arquivo pessoal).

Os filhos pouco contato tiveram com pai após o fim da relação, inclusive também relembrou com humor que no dia do velório do ex-marido havia outras três viúvas para chorar a morte dele, Dona Paz diz que ao perceber a cena foi embora, afinal de contas não era mais seu papel estar ali.

Essas situações nas ações e discursos, da produção de tensões entre as expectativas sociais e práticas indicadoras de micro resistências (Certeau, 2000), o herói “ordinário” é envolvido, constantemente, nas lutas contra as estruturas de dominação, nesse caso, as mulheres entrevistadas; essas estruturas podem estar representadas nas ações de pobreza, machismo, sexismo e mecanismos de opressão. As mulheres entrevistadas, dadas as circunstâncias, podem usar de astúcias e artifícios de inteligência para burlar e se sobressair dessas opressões, como é o caso da Dona Paz, que driblou a dor da fome com os divertimentos que conseguia proporcionar a família.

Capitu e Dona Paz são dois exemplos de vítimas de irresponsabilidade paterna, foi mostrado, mais uma vez, que a estrutura familiar tradicional não dita a afetividade paterna, nem apoio financeiro. Portanto, a mulher casada não está livre dessas mazelas de gênero.

2 COMPORTAMENTOS DE TRANSGRESSÃO

A defesa da mulher como mãe e cuidadora do lar define, categoricamente, os papéis de gênero que compõem a sociedade e, nessas funções, nas entrelinhas desse discurso, essa mulher de família jamais poderia ser ligada à sexualidade (Okin, 2008). As mulheres foram ensinadas, desde a infância, a não explorar o corpo ou demonstrar desejos, contudo, para o homem era diferente, tinham oportunidades e privilégios. Ser homem no Brasil era ser viril e forte, ao contrário do que rege o matrimônio cristão, a infidelidade, muitas vezes era vista como bom mérito e sinal de masculinidade (Cardoso, 2010). Apesar disso, nem todas as mulheres tinham essa concepção nos anos 1990.

Ainda que a formação de uma família fosse uma meta ou sonho desejado por muitas mulheres, outras já buscavam se empoderar socialmente em outras áreas da vida e, também, seus corpos. Por isso, se permitiram vivenciar experiências de prazer dentro de seus relacionamentos ou com

aventuras paralelas a ele (extraconjugais). A obrigatoriedade da fidelidade feminina estava abalada devido às mudanças no feminismo dos últimos anos, pois o que antes estava, intimamente, ligado quase como sinônimo para a mulher, a relação de amor e sexo, tornava-se agora dissociados e a figura da mulher, que foi perpetuada como uma pessoa apaixonada que sentia apenas desejo pelo marido e exclusivamente por ele, aos poucos ia se desconstruindo.

A ideia de relacionamento para Capitu, por exemplo, é algo curioso, ela afirmou que não sentia amor pelos dois maridos. Ela acredita que com o primeiro, com quem teve um filho, foi o mais traumático por causa da violência física, psicológica e moral que sofreu. Ao fim da relação, surgiu uma espécie de necessidade de compensação pelo tempo em que não foi feliz, isso se valia para sua nova vida, em que aproveitava o tempo perdido e se relacionou com quem quisesse, nas suas palavras, ela explica como era isso na prática: “Ai do homem que eu cismasse era difícil não dar certo, teve um que muito pouco que não foi, mas foi no final” (Capitu, entrevista de pesquisa concedida em 01 de novembro de 2023, arquivo pessoal).

Sempre se mostrando como uma pessoa de domínio corporal, mais sensual e com muita autoconfiança antes do casamento, Capitu apresentou uma juventude de vivências e experiências que, para suas amigas naquela época, deixava subentendido que ela conhecia um corpo masculino e havia tido relações sexuais com esses parceiros desde cedo. O que na realidade não acontecia, pois como uma espécie de personagem mantinha uma *mentira piedosa* (Cassorla, 2018), que a protegia de verdades insuportáveis que, nesse caso, seria admitir uma espécie de farsa e abalar uma popularidade que Capitu afirmou ao longo da entrevista ter:

Eu era em termo de sexo bem careta o que não era pra mim ser, nas minhas atitudes, pelo o que eu fazia eu não deveria ser era pra ter dado muito cedo. Eu fui dar sabe com quantos anos? 22 anos! As minhas amigas que já transaram elas achavam que eu já transava e eu entrava na onda. Pra não dizer que eu era a única virgem, porque eu era uma referência. Dava graças a Deus quando elas mudava de assunto (Capitu, entrevista de pesquisa concedida em 01 de novembro de 2023, arquivo pessoal).

Indagada sobre como ela reagia às conversas entre as amigas, Capitu contou que usava o jogo de cintura para se manter na roda e no assunto, mas

por dentro escondia o que sentia na realidade: Capitu tinha pavor de ser vista nua por um homem. Uma contradição que nos faz questionar: porque manter uma imagem sexualmente ativa se não praticava nada do que dizia? O espaço em que estava inserida dizia muito das pessoas que admirava, visto que estava sempre em bons bares e acompanhada de homens que afirmava serem famosos da cidade. Assim, ela usou do corpo como meio de se inserir na sociedade apenas com discursos e imagéticas de experiências que não havia vivido, mas despertava curiosidade nos mesmos homens que queria conquistar, logo apresenta a ardilosa memória de que se apropriou do desejo masculino para ter acesso aos confortos e prazeres que sempre quis.

Durante a conversa, a entrevistada não contou se esperava alguém em quem confiasse ou aguardava uma hora certa, narrativas de senso comum que sempre escutamos quando falamos sobre o tema, mas não abriu mão de contar como foi a primeira experiência sexual que viveu:

Mas bonito como foi o dia que aconteceu de verdade, a primeira vez eu vinha de uma festa e dei pra um cara que conheci na festa mesmo foi na calçada da igreja São José. E eu tinha um namorado de quatro anos na época. Eu não dei pro meu namorado e dei uma pra um que eu conheci lá. No outro dia pra olhar esse meu namorado? Eu tava morta de vergonha. (Capitu, entrevista de pesquisa concedida em 01 de novembro de 2023, arquivo pessoal).

A infidelidade de Capitu chama atenção, talvez, por considerar a vulnerabilidade emocional que poderia ter ao se relacionar sexualmente com o namorado, assim se permitir “perder a virgindade” no ato sexual, popularmente, conhecido pelo rompimento do hímen com estranho, evitaria mais envolvimento e resolveria uma questão que para ela era um problema. Essa concepção de virgindade ligada ao rompimento do hímen é apenas construção, pois o sexo ultrapassa o ato de penetração masculina, dessa forma ser tocada, masturbada e outras descobertas do seu corpo e do outro é perder a virgindade também. Conforme Amorim; Garcia; Sousa (2022, p.180):

Talvez seja mais apropriado discutir o que se entende por virgindade quando falamos do sexo feminino. Comumente, considera-se virgem a mulher que nunca teve relação sexual. No entanto, cabe questionar de que relação sexual se está falando: uma mulher que praticou sexo oral não seria mais virgem, por exemplo? O que é mais propagado socialmente é que a mulher deixa de ser virgem ao praticar, na companhia de um parceiro(a), o ato sexual que envolva a penetração.

Sendo assim, a virgindade feminina é frequentemente vista através de um aspecto físico – ou seja, de um estado do corpo da mulher, corpo que não experienciou a penetração –, embora possamos falar também em outros aspectos, como o moral e o religioso.

Diferente de Capitu, Flor não escondia sua virgindade, a sua primeira memória de relação aconteceu em um final de tarde depois das aulas com o namorado. Foi com o mesmo namorado descrito como ciumento no início deste trabalho. Segundo ela, "foi no sofá da casa dele, onde a gente começou né. Marcamos um local na casa de uma amiga que emprestou a casa só pra nós e íamos lá, pareceu que começou em uma noite terminou na tarde"⁷.

Flor, não falou mais do que isso e seguiu a falar sobre esse relacionamento. Depois de um tempo de namoro, Flor contou que casou, assim como Capitu, escondido da família que, também não aceitava muito bem a relação, o relacionamento durou pouco tempo devido às traições que sofreu. Ademais, ela contou que a relação de amor e promessas havia acabado de fato e tentou pedir o divórcio, processo que o marido não queria conceder, pois ele afirmava que havia casado com ela e, assim, ela era mulher dele, evidenciando a ideia de posse masculina discutida anteriormente neste trabalho. Contudo, o marido não aceitava abrir mão de sua amante, que Flor havia descoberto. Segundo o marido dela, por ser homem, ele tinha permissão à “posse” de mais de uma mulher, ela não aceitava o argumento e retrucava sempre que podia:

Ele dizia que o homem podia ter várias mulheres: a de casar e as de se divertir e que ele não ia separar não. Ainda falou que meu pai traía minha mãe, eu disse pra ele que nem os dedos das mãos não eram iguais e eu não era igual à minha mãe e eu não ia aceitar. Já que ele queria se divertir, pois que ele fosse (Flor, entrevista de pesquisa concedida em 03 de outubro de 2023, na cidade de Parnaíba, arquivo pessoal).

Sua memória evoca uma mentalidade machista e persistente nas relações monogâmicas do país, como se um “padrão masculino de desejo de trair” fosse sempre tolerado. Por esse motivo, vale ressaltar que os pais de Flor tiveram algo parecido subentende-se que é algo quase como instintivo e

7 (Flor, entrevista de pesquisa concedida em 03 de outubro de 2023, na cidade de Parnaíba, arquivo pessoal).

sempre foi assim e sempre seria. Entendo que esse discurso visava impedir uma reação diferente da que a mãe de Flor tinha e, com isso, manter seu domínio a partir de algo que fazia desde o início da relação enquanto se conheciam na porta do colégio.

Apesar de ainda estar na relação, Flor também começou a trair por conta da desilusão amorosa sofrida, tudo começou quando apareceu um suposto defeito no carro do casal, o próprio marido de Flor pediu a um amigo que a levasse para o trabalho, diariamente. Durante esse percurso, o amigo do marido, aos poucos, se tornou amigo dela e lhe “aconselhava” a deixar o marido ao mesmo tempo em que tentava seduzi-la. Em diversas vezes, com o amigo sendo mais enfático nas investidas e com o casamento realmente por um fio de acabar, Flor cedeu e aceitou um convite para ir ao motel, isso poderia facilmente ser visto como traição, mas as interpretações que a entrevistada tinha da situação até esse momento era que não houve nenhuma extraconjugalidade e essa visão, de o que a mulher pode considerar traição, é explicada pela pesquisadora Olivia von der Weid (2004). Segundo a autora explica, a “[...] traição é mentira, o rompimento da confiança e não está necessariamente ligada à relação sexual com outra pessoa” (Weid, 2004, p. 4). Apesar disso, a entrevistada pareceu desconhecer ou, simplesmente, ignorar essa perspectiva, pois, até então, o que seria traição era a relação sexual com penetração e, por isso, desconsiderou o sexo oral que praticou como uma relação extraconjugal:

Um dia depois do serviço a gente chegou a ir no motel, mas eu não tive coragem de trair, mas eu quis ver ele pelado. Quando ele saiu do banheiro eu pedi pra beijar ele e depois pedi pra chupar e ele deixou ali aconteceu né. Eu ainda tava casada, mas estávamos separados de corpo fazia um tempo em que a gente nem se tocava (Flor, entrevista de pesquisa concedida em 03 de outubro de 2023, na cidade de Parnaíba, arquivo pessoal).

Essa dificuldade de perceber a relação sexual está relacionada à percepção de sexo apenas como penetração masculina, algo que foi perpetuado por muitos anos, discursos como sagrado da virgindade pelo hímen e preliminares estão no imaginário coletivo da população de relações não sexuais.

Flor passou a manter uma relação, assim como o marido, e viver as

aventuras sexuais que seu casamento não permitia, como por exemplo, passaram a namorar na calçada. O caso se desenrolou até o momento que Flor decidiu sair da casa que vivia com o marido e voltar para a de sua mãe, onde passou a colecionar momentos e experiências sexuais apimentadas. Em oposto de Capitu, Flor realmente tinha uma vida sexual ativa, mas guardava as memórias que colecionava com o parceiro, afinal ela sabia dos julgamentos que poderia sofrer depois do divórcio por se relacionar com o amigo de seu ex-marido. Entre sexos no carro, noites de amor à beira da praia e fugas do trabalho, Flor contou que, para a sociedade, os dois eram apenas amigos e não estava separada oficialmente do parceiro anterior:

Ele nem parava no meio da rua da minha casa, me buscava próximo da escola e a gente saía juntos, ficávamos dentro do carro mesmo, íamos à praia quando saíamos do serviço, até ir em pousadas no dia de sábado ficar juntos era bem bom. Quando eu me separei, eu queria viver mais essas aventuras com esse menino. Um dia foi bem engraçado ele me desafiou a tirar a calcinha aí ele tirou a camiseta e a gente ia viajando assim no carro era muito divertido (Flor, entrevista de pesquisa concedida em 03 de outubro de 2023, na cidade de Parnaíba, arquivo pessoal).

Em seguida a essa fala, perguntei se ela não sentia falta da relação anterior e ela respondeu:

A gente pensava em construir nossa família, quando nossa casa fosse só nossa, moramos com a mãe dele e sobre filhos eu não queria tanto, eu tinha muita vontade era de ser feliz e viver a vida. Ele era louco pra ter filhos. Foi uma coisa que era programada para quando a gente mudasse e que não chegou a acontecer porque houve a tal da traição no meio do caminho e não consegui viver com isso. A gente começou a namorar muito cedo, com 16 anos e a gente curtiu a adolescência, aventuras e os conflitos, né? (Flor, entrevista de pesquisa concedida em 03 de outubro de 2023, na cidade de Parnaíba, arquivo pessoal).

Aproveitei o assunto e perguntei sobre a relação na casa de sua sogra, se haveria algo marcante de que ela lembrava, sugeri a questão financeira e ela respondeu:

Classe social? Ele tinha mais elevada que a minha né. Tinha muito disso também, mas eu sempre fui uma pessoa esforçada e estudiosa e ele era meio preguiçoso também, passou no vestibular para matemática, mas nunca foi pra frente e nunca chegou a se formar. Eu me formei graças a Deus. E quando me separei dele, ele ainda tinha só Ensino Médio. Eu tinha 29 anos, já foi muito tempo namorando,

mas casados acho que ficamos só dois anos. Aí foi bem assim. E esse amigo que me consolou por muito tempo, a gente ficou até os 34 anos dessa relação aberta e ninguém desconfiava. Meu “marido” uma vez chegou a perguntar se eu estava saindo com o Fulano e eu disse logo que não. Ele disse “Você pensa que fulano presta? Fulano não vale nada!” e eu perguntei pra ele se ele que prestava. Olha ninguém aqui deve se meter na vida de ninguém! Da minha vida eu faço o que eu quiser! Acha que só tem ele de homem na cidade? Ele fazia por puro desejo de me colocar no lugar de prova, se achava no lugar de direito como macho alfa como uma pessoa de princípios e fiel, só depois eu descobri que ele nunca foi fiel sempre foi sacana comigo. Quando foi para separar mesmo foi porque ele se apaixonou por aquela pessoa e tava perdendo todo o respeito que tinha por mim porque ele via ela em tudo. E aí pra mim não deu, né? Não posso ficar assim em uma coisa de que não é lugar de mulher principal, não ser a número um. E acabou a relação. Também quando eu tomei a decisão de me separar dele eu tava me sentindo mal já, meu estado emocional tava muito abalado eu não conseguia mais fazer as coisas eu tava sentindo que aquilo tava fazendo mal demais pra mim, minhas mãos tremiam quando eu ia fazer as coisas. Quando eu saí da casa da mãe dele as pessoas chegavam pra mim e perguntavam se não gostava mais dele porque ele parecia me fazer feliz... Ora tava tão feliz que separei... Eu casei pra ser feliz e, a partir do momento que eu me separei pensando em não voltar mais, me separei porque tava triste não estava nenhum pouco feliz. (Flor, entrevista de pesquisa concedida em 03 de outubro de 2023, na cidade de Parnaíba, arquivo pessoal).

Perguntei se as suas relações sexuais eram para satisfação masculina ou ela os procurava com desejo também? Ela respondeu: “A minha relação com esse amigo sim e durou porque eu me apaixonei por ele e ele por mim” (Flor, entrevista de pesquisa concedida em 03 de outubro de 2023, na cidade de Parnaíba, arquivo pessoal), deixando subentendido que as do marido não.

Importante contextualizar que, a moralidade que foi construída ao longo dos anos e permaneceu em 1980 e 1990 estava repleta de referências comportamentais do período pós ditadura militar brasileira, mesmo que as mulheres tenham se levantado em defesa de seus direitos e liberdades, não foi o suficiente para mudar toda a mentalidade da sociedade e isso se explica ao compreender que a sexualidade ainda favorecia as experiências sexuais masculinas, enquanto seguiu, histórica e socialmente, restringindo a sexualidade feminina nos parâmetros do casamento convencional (Bassanezi, 1997).

A década de 1960 foi um salto paradigmático para as mulheres. Era um momento em que se reconfigurava o papel social da mulher, onde ela rompe com o seu papel de mãe e filha dedicada e invade o espaço público masculino, com atitudes de militante longe dos padrões esperados pela sociedade. Também nessa década,

eclodiram os movimentos de luta contra as diferenças sociais, contra a subalternidade, exclusão do poder, por autonomia e direitos, e, no caso das mulheres, participar desses movimentos era uma forma de emancipação às relações de poder ao qual estavam submetidas. Nesse período, “ser uma mulher na política, ou ainda, ser uma ‘mulher política’, parece uma antítese da feminilidade”, daí os bloqueios, as resistências, que atingem ao mesmo tempo o governo e a representação do gênero. Durante a ditadura “a norma era a não participação das mulheres na política, exceto para reafirmar os seus lugares de mães-esposas-donas-de-casa que vivem em função o espaço masculino, como ocorreu com os movimentos femininos que apoiaram o golpe militar de 1964” (Tomazoni, 2015, p. 42).

Este lugar de esposa e dona de casa não foi mantido pelas entrevistadas, incluindo Flor, pois a construção do casamento romântico e o casamento como centro da vida feminina (Cunha; Silva, 2013) se mostrou falha. Por meio de uma aventura extraconjugal que Flor sentiu as sensações românticas que o matrimônio nunca lhe proporcionou. O final dessa relação aconteceu por conta dos pedidos oficiais de namoro negados por ela, alegando estar traumatizada pelos relacionamentos anteriores, mesmo assim, revelam que o amor não estava em um contrato nupcial, mas no que aquelas experiências lhe faziam sentir.

Um dia ele perguntou se eu amava ele. Aí eu falei que não. Eu tinha medo de assumir a relação porque ele tinha a tal fama de namorado muito mulherengo e eu tinha medo disso do que eu já tinha sofrido antes e não queria me decepcionar de novo não. Eu tinha me apaixonado por todas as coisas boas, mas eu tinha medo de assumir uma relação com ele. Aí eu disse não, mas eu era louca por ele, eu lembro que no início da relação ele me fez prometer que eu não iria me apaixonar por ele e nem ele por mim. Depois ele foi para Fortaleza a trabalho e na volta ficou de me encontrar e me apresentar pros amigos. Ele me viu por acaso um tempo depois na Praça da Graça e foi querer me apresentar, mas disse que não ia porque já estava com outro né aí ele ficou com raiva (Flor, entrevista de pesquisa concedida em 03 de outubro de 2023, na cidade de Parnaíba, arquivo pessoal).

A partir dessa fase da vida, ela nos confidenciou algo que descobriu muito anos depois, por intermédio da terapia com psicólogos, que usou sexo com os homens como forma de usá-los como vingança, sabendo que assumir um compromisso de fidelidade, atualmente, é entender a relação como um pacto igualitário de relação afetiva, exclusividade monogâmica (Zampieri, 2004). Desse modo, Flor não estava disposta a isso, era inegociável considerar condições de conduta para estar em uma relação com outra pessoa,

principalmente, se for deixa-la vulnerável, emocionalmente.

Eu fazia o que me dava na telha, depois deste último relacionamento eu não queria me envolver com ninguém peguei tipo um trauma da separação. Eu não queria vínculo com homem nenhum, tipo usava eles como um objeto de desejo, tipo como uma vingança de todos os homens. E aí eu não tinha esse negócio de me sentir não, eu me achava usando eles, eu não sentia sendo usada (Flor, entrevista de pesquisa concedida em 03 de outubro de 2023, na cidade de Parnaíba, arquivo pessoal).

Flor afirmou, ao final da entrevista, que via a vida com outros olhos e considerava encontrar um amor, mas não teria filhos de forma alguma a não ser por um ato de caridade se alguém pedisse sua ajuda para criar, mostrou-se nas entrelinhas da conversa uma boa relação na questão sobre maternidade e revelou, em outro momento, que não os teve porque não aconteceu mesmo, segundo ela, não foi algo de que fugiu durante a vida.

Portanto, o que podemos ver na narrativa das duas mulheres é que Capitu tem uma imagem mais de conflito sobre o namoro e a primeira vez, nesse caso, a intimidade da relação. Flor esteve em um casamento, em que foi traída e traiu como forma de busca de satisfação pessoal, em uma espécie de revanchismo emocional contra tudo o que viveu enquanto esteve casada, apesar de ter se apaixonado no meio disso. Podemos perceber, também, que o machismo interferiu em suas relações seguintes, além disso, a idealização matrimonial envolvida na complexa relação de gênero de sexualidade, aos poucos, foi virando desejo de autonomia emocional no lugar da relação amorosa devido às experiências das entrevistadas, ou seja, se colocar ao lado de homem na relação amorosa, se mostrou um espaço de insegurança.

3 MEMÓRIA LIBIDINOSA

Considerando que os sentimentos estão diretamente relacionados com a memória, se essa memória for formada em um estado de felicidade, assim será ao lembrar do episódio a qual estiver comentando. Nesse sentido, se for triste também estimulará tristeza, isso ocorreu ao longo das entrevistas, pois as quatro mulheres, ao comentar sobre suas vivências, reviveram emoções em suas falas, lembraram de experiências boas e ruins. Considerando que os

assuntos relevantes para esta pesquisa eram íntimos, algumas vezes a memória veio atrelada à tristeza, humor, risos e até uma saudade dos tempos de juventude.

Podemos observar também que as mulheres envolvidas neste trabalho compartilham um sentimento atrelado ao ideal de não se abater às convenções sociais. Todas relataram, com orgulho, as formas que lidaram com as situações de sofrimento e a maneira como isso impactou suas vidas, como por exemplo, a Dona Paz, na situação do divórcio e criação dos filhos; Flor e todo seu contexto amoroso, incluindo as traições que sofreu e praticou; Capitu e a violência doméstica; e Tieta, com as memórias de apoio da mãe na sua criação. Por essa razão, nomear essa memória, de diversas nuances emocionais, se tornou importante para esta pesquisa.

Nesse sentido, Memória Libidinoso foi entendido por mim como as lembranças de relações de desejo e foi desenvolvido levando em conta as experiências femininas dos anos 1980 a 1990, relatadas neste trabalho. Tendo em mente que memórias libidinosas não deveriam ser motivo de preocupação ou vergonha, mas sim discutido como assunto que permeia o cotidiano, o que de fato é, pois transita, linearmente, entre questões familiares no que tange à forma de como a mulher se comporta, tanto dentro do círculo íntimo de suas casas, desde a infância até a vida adulta, com a família e amigos, quanto para a sociedade, um pouco distante ao se moldar ou esconder desejos e atitudes para evitar julgamentos e problemas que podem lhe ocorrer por se comportarem com teor mais sensual. É fundamental entender, também, de onde parte a permanência desse tema como tabu na atualidade, principalmente, cercado pela figura da mulher, isso foi o centro desta pesquisa porque, apesar dos avanços das pautas feministas e mudanças na mentalidade feminina, ainda era de certa forma difícil nomear esse comportamento opinativo e empoderador de mulheres, por essa razão, nomeá-lo se tornou uma luta semântica e hermenêutica.

Pode-se considerar que a “indecência” desse assunto, sendo comentado por uma mulher, esteve facilmente no centro das conversas comuns entre homens, que naturalizaram o uso de corpos femininos em busca prazer ou no comportamento cotidiano, que, praticado por mulheres, poderia ser interpretado como uma má conduta, por ser um lugar fala masculino e dominante (Del

Priore, 2011). Por este motivo, o tabu segue a muito tempo mantendo a imagem negativa relacionada, algumas vezes, à promiscuidade de quem aborda o tema tanto para os que leem e, infelizmente, para os que escrevem por consequência de um capital cultural de tendências à autocensura, por reproduzir um *habitus* de gênero em estruturas subjetivas relacionadas à visão tanto sobre a atividade quanto em estruturas objetivas, mais precisamente, em práticas referentes aos princípios de divisão de gênero.

As divisões constitutivas da ordem social e, mais precisamente, as relações sociais de dominação e de exploração que estão instituídas entre os gêneros, se inscrevem, assim, progressivamente em duas classes de *habitus* diferentes, sob a forma de *hexis* corporais opostos e complementares e de princípios de visão e de divisão, que levam a classificar todas as coisas do mundo e todas as práticas segundo distinções redutíveis à oposição entre o masculino e o feminino. (BOURDIEU, 2007, p. 41).

As memórias libidinosas ainda geram desconfortos na população feminina, vergonhas ou alguns casos de sofrimento. Enquanto, em outros momentos, lembrar essas memórias as colocam em um lugar de domínio e poder. Dessa forma, é necessário ressignificar o termo pejorativo e imoral que se estruturou historicamente (espaço de experiências) para um conceito de promoção de autonomia feminina em um horizonte de expectativas possíveis, respaldados no comportamento das entrevistadas e de outras mulheres brasileiras que, assim como elas, têm na libido a autonomia no lugar da censura que lhes foram colocadas ou usada como ofensa por suas escolhas referentes à vida amorosa, conjugal ou que toque, minimamente, na sua intimidade sexual.

O comportamento feminino, como apresentado ao longo do trabalho, sempre precisou estar, também, em constante moldes de *habitus*, a fim de evitar desconfortos morais e violência em uma tentativa de sobreviver no meio das relações de forças invisíveis que a moralidade de gênero as colocou.

É enquanto instrumentos estruturados e estruturantes de comunicação e de conhecimento que os sistemas simbólicos cumprem a sua função política de instrumentos de imposição ou de legitimação da dominação, que contribuem para assegurar a dominação de uma classe sobre outra (violência simbólica), dando o reforço da sua própria força às relações de força que as

fundamentam e contribuindo assim, segundo a expressão de Weber, para a domesticação dos dominados (Bourdieu 2007, p. 11).

Nada era e continua não sendo exigido da figura masculina por conta do patriarcado, local em que estão inseridas as participantes deste estudo, assim como nomear a postura de sensualismo que não está diretamente relacionado ao comportamento sexual primário feminino, mas na percepção do outro como atitude obscena. Nesse sentido, o que for de atitude, consideravelmente, comum no mundo masculino, se produzido, inicialmente por uma mulher, pode ser considerado, pejorativamente, libidinoso.

Usando o dicionário online de Português - Dicio como fonte de pesquisa, o termo libidinosa, no feminino tem o seu significado de “desejos sexuais fortes e permanentes; devasso” (Libidinosa, 2024, s/n). Aqui, busco ressignificar a memória libidinosa da mulher, o nome que compreende a um lugar de desejos sexuais, mas de medo do inominável comportamento que podem ter ao resistir, também, ao cotidiano comum, de peripécias amorosas, ao se libertar e lembrar de amores quentes que viveram e que deixou marcas nas experiências, aprendizados e defesa, como força para o futuro que, apesar das diferenças de sentimentos que vem destas memórias, todas convergem para o desenvolvimento da coragem e sabedoria que apenas as mulheres, com todas as memórias e sentimentos, podem identificar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Compreendi que somente a história oral poderia trazer a luz às vivências, em que essas mulheres falariam por si e o resultado desse produto: as falas me serviriam de forma prática para a demonstração do problema dessas “sutilezas” nada sutis, em que a violência de gênero é mascarada pelo amor, aceitação, conformidade e desejo. A partir das conclusões baseadas nas

entrevistas, notei que esse assunto ainda é pouco explorado e, como discutido nas primeiras páginas deste trabalho, permanecia às escuras. De imediato, mais do que responder à forma que os moldes sociais iam colocando essas mulheres, até a vida adulta, foi necessário relatar onde isso aconteceu. Por serem mulheres trabalhadoras, o ato de incorporar essas histórias à pesquisa pode evocar a reflexão diante dos momentos em que, no cotidiano, foram vividas ou praticadas situações narradas aqui e nada foi feito, por considerar algo comum dentro dos lares brasileiros. Essas memórias de mulheres são recorrentes e, infelizmente, fáceis de perceber no dia a dia, apesar disso, é importante ressaltar que este trabalho partiu de uma pequena amostragem e, por essa razão, não é possível aferir generalizações.

Nesse sentido, compreendendo as configurações de gênero de forma mais precisa, pois, no início, as repressões de condutas ao sensualismo da mulher e à forma como esse corpo foi se tornando, ao mesmo tempo, condenável e prazeroso, dependendo do contexto da situação e de que forma o homem poderia tirar vantagem disso. Isso foi apresentado à medida que a mulher aceitou o comportamento esperado, abafando seus desejos em função de saciar o do homem, ela era aceita caso contrário era reprimida. Contudo, subvertendo isso, me surpreendi pela astúcia de que algumas mulheres usaram dos próprios artifícios de controle para se beneficiar e conseguir seus interesses.

Outro ponto observado foi que, no Brasil, o fator família reflete hierarquia, por isso observamos que a dependência financeira foi e ainda é um fator marcante para certa permissividade social à violência construída pelo sistema patriarcal. Por essa razão, a autonomia financeira, por meio do trabalho, foi de fato a grande porta de saída das relações de convivência marido e mulher.

O que pode se concluir desses fatores é que a mulher, até hoje, segue “obrigada” a estar apenas em casa cuidando dos filhos, pois isso lhe foi ensinado por muito tempo, mas a sabedoria e a maturidade das relações adultas criaram, de certa forma, fortalezas que lhes permitiram ver a vida nas brechas que do sistema, mesma brecha que as ajudaram a sair dos ciclos de violência e superar padrões familiares de submissão. Apesar disso, ainda existem muitos passos a serem dados em prol da completa liberdade feminina, existem mulheres semelhantes às entrevistadas para esta pesquisa, o que

comprova eu esses casos não são isolados, reforçando que ainda há muito o que melhorar, porém, por meio dos relatos discutidos aqui, as mulheres mostraram que é possível.

Por fim, considero que o trabalho contribui, por meio das memórias relatadas pelas mulheres entrevistadas, a promoção de uma reflexão sobre o que persiste como tabu e estigma, propondo uma ressignificação daquilo que ofende para algo que conceda empoderamento e diminua a desigualdade, ou seja, tomar de voltar os espaços e direitos das mulheres, porém agora considerando o sentido tanto de sobrevivência quanto de liberdade.

REFERÊNCIAS

A DONA do Pedaco. Direção geral: Amora Mautner. Rio de Janeiro: Rede Globo, 2019. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/a-dona-do-pedaco/t/c7sbwWz7jf/detalhes/>; Acesso em: 01 maio de 2024.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. Máquina de fazer machos: gênero e práticas culturais, desafio para o encontro das diferenças. *In*: MACHADO, Charliton José dos Santos; SANTIAGO, Idalina Maria Freitas Lima; NUNES, Maria Lúcia da Silva (orgs.). **Gênero e práticas culturais**: desafios históricos e saberes interdisciplinares. Campina Grande: EDUEPB, p. 21-34, 2010.

AMORIM, Aline Oliveira; GARCIA, Dantielli; SOUSA, Lucília Maria Abrahão. (Ir)rompimento do hímen: uma análise discursiva dos sentidos de virgindade feminina. **Revista do GELNE**, [S. l.], v. 24, n. 1, p. 177–191, 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/gelne/article/view/27449>. Acesso em: 26 abr. 2024.

ANUÁRIO BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA 2021. São Paulo: Fórum Brasileiro de Segurança Pública, ano 15, 2021.

ARAÚJO, Maria de Fátima. Amor, casamento e sexualidade: velhas e novas configurações. **Psicologia**: ciência e profissão, Brasília, v. 22, p. 70-77, 2002.

BASSANEZI, Carla. Mulheres dos anos dourados. *In*: PRIORE, Mary Del. **História das Mulheres no Brasil**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 1997. p. 607-639.

BENTIVOGLIO, Julio. A história conceitual de Reinhart Koselleck. **Dimensões**, Vitória, n. 24, 2010.

BIANCHINI, Alice; BAZZO, Mariana; CHAKIAN, Sílvia. **Crimes contra mulheres**. 4 ed. São Paulo: Editora JusPodivm, 2022.

BÍBLIA. Efésios 5:22-33. *In*: **Bíblia Sagrada**. 1ª Edição. São Paulo: Editora Thomas Nelson Brasil, 2021.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

CARDOSO, Elizangela Barbosa. **Identidades de gênero, amor e casamento em Teresina (1920-1960)**. 2010. Tese (Doutorado em História) - Programa de Pós-graduação em História, Instituto de História, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2010.

CASSORLA, Roosevelt M. S. Breve ensaio sobre a mentira. **Revista Brasileira de Psicanálise**, v. 52, n. 2, p. 81-96, 2018.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: artes de fazer. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

CIPRIANO, Roberto. **Manual de sociologia da religião**. São Paulo: Paulus, 2007.

COULANGES, Numa Denis Fustel de. **A cidade antiga**. Tradução de Jean Melville. São Paulo: Martin Claret, 2003.

CUNHA, Tânia Rocha Andrade; SILVA, Ivana Patrícia Almeida da. Casamento: representações, mudanças e permanências a partir do olhar feminino. In: 10º Seminário Internacional Fazendo Gênero Santa Catarina, 2013. Santa Catarina. **Anais [...]**. Santa Catarina, 2013.

DA SILVA, Erick Pereira; VAGOSTELLO, Lucilena. Intervenção psicológica em vítimas de estupro na cidade de São Paulo. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 69, n. 3, p. 183-198, 2017.

DEL PRIORE, Mary. **Histórias íntimas**. Editora Planeta do Brasil, 2011.

D'INCAO, Maria Angela (org.). **Amor e família no Brasil**. São Paulo: Contexto: 1989.

DUBY, Georges. Prefácio. In: **História da vida privada**: do Império Romano ao ano mil. VEYNE, Paul (org.). São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

ENGELS, Friedrich. **A origem da família, da propriedade privada e do Estado**. Tradução de Leandro Konder. 9. ed. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira S.A, 1984.

FAVERI, Marlene de. O divórcio nas páginas de Manchete. In: XVI Encontro Estadual de História da ANPUH – SC, 2016, Chapecó. **Anais [...]**. Chapecó, 2016.

FREUD, Sigmund. (1969). O Inconsciente. In: FREUD, Sigmund. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**, Tradução Jayme Salomão, v. XIV, 1969.

FREYRE, Gilberto. **Casa - Grande e Senzala**: formação da família brasileira sob regime da economia patriarcal. 48. ed. rev., São Paulo: Editora Global, 2003.

GOMES, Douglas. **A origem do Trabalho Doméstico no Brasil**, 2014.

GONÇALVES, Carlos Roberto. **Direito Civil Brasileiro 1-Parte Geral**. Saraiva Educação SA, 2017.

GONZALEZ, Lélia.; HASENBALG, Carlos. **Lugar de Negro**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1982.

HAMBURGER, Esther Império. A expansão do "feminino" no espaço público brasileiro: novelas de televisão nas décadas de 1970 e 80. **Revista Estudos Feministas**, v. 15, p. 153-175, 2007.

KANDEL, Eric. R. **Em busca da memória**: o nascimento de uma nova ciência da mente. Trad: Rejane Rubino. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

KOSELLECK, Reinhart. **Aceleración, prognosis y secularización**. Valência: Pré-Textos, 2003.b

- KOSELLECK, Reinhart. **Estratos del tiempo**. Barcelona: Paidós, 2003.
- KOSELLECK, Reinhart. **Futuro passado**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2006.
- KOSELLECK, Reinhart. **História y hermenêutica**. Barcelona: Paidós, 1997.
- KOSELLECK, Reinhart. **História, história**. Madrid: Trotta, 2004.
- KOSELLECK, Reinhart. The practice of conceptual history: timing history, spacing concepts. Stanford: Stanford University Press, 2002.
- LEAL, Ondina Fachel. Cultura reprodutiva e sexualidade. **Revista Estudos Feministas**, v. 6, n. 02, p. 376-392, 1998.
- LIBIDINOSA. *In*: DICIO, Dicionário Online de Português. Porto: 7Graus, 2024. Disponível em <https://www.dicio.com.br/libidinoso/#:~:text=Significado%20de%20Libidinoso,s%C3%A3o%20constantes%20e%20muito%20fortes>. Acesso em: 24/04/2024.
- MAGALHÃES, Magna Lima; SCHEMES, Cláudia. O selo da honestidade: a virgindade e o controle moral do corpo. **História Revista**, v. 20, n. 2, p. 120-138, 2015.
- MOLLON, Susana. I. **Subjetividade e constituição do sujeito em Vygotsky**. São Paulo: EDUC, 1999.
- NOGUEIRA, Raphaela Silva. **A psicologia e os crimes sexuais**: o papel da psicologia em relação aos crimes sexuais. 2021. Projeto de artigo científico (Graduação em Direito) – Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUCGOIÁS), Goiânia, 2021.
- OKIN, Susan Moller. Gênero, o público e o privado. **Revista estudos feministas**, v. 16, p. 305-332, 2008.
- PERGHER, Giovanni Kuckartz; *et. al.* Memória, humor e emoção. **Revista Psiquiatra**, Rio Grande do Sul, v. 28, p. 61-68, 2006.
- PERROT, Michelle. **As Mulheres ou os Silêncios da História**. Bauru, EDUC, 2005.
- PINSKY, Carla Bassanezi. A era dos modelos rígidos. *In*: PEDRO, Joana Maria; PINSKY, Carla Bassanezi. (org.). **Nova história das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2013.
- POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.
- PORTELLI, Alessandro. O que faz a história oral diferente. **PROJETO HISTÓRIA**: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP. São Paulo, ed. 14, 1997.
- RAGO, Margareth. **Do cabaré ao lar**: a utopia da cidade disciplinar e a resistência anarquista. Editora Paz e Terra, 2018.

ROMERO DE OLIVEIRA, Eduardo. Memória, história e patrimônio – perspectivas contemporâneas da pesquisa histórica. **Fronteiras: Revista de História**, Grande Dourados, v. 12, n. 22, p. 131-151, 2010.

SAMPAIO, Ruth. Violência e racismo na Casa Grande de Florianópolis: A reprodução da senzala no cotidiano das mulheres negras. **Jornalismo-Pedra Branca**, 2020.

SILVA, Erick Pereira da; VAGOSTELLO, Lucilena. Intervenção psicológica em vítimas de estupro na cidade de São Paulo. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 69, n. 3, p. 183-198, 2017. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672017000300013&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 31 jan. 2024.

SOIHET, Rachel. Formas de violência, relações de gênero e feminismo. **Revista Gênero**, v. 2, n. 2, 2002.

SOIHET, Rachel. O corpo feminino como lugar de violência. **Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História**, v. 25, 2002.

SOIHET, Raquel. Mulheres pobres e violência no Brasil urbano. *In*: DEL PRIORE, Mary. **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Editora Contexto, 2004.

TOMAZONI, Larissa. A mulher na ditadura militar: uma análise das limitações e consequências da participação política feminina. **Cadernos da Escola de Direito**, n. 22, p. 40-51, 2015.

VIEIRA, Elisabeth Meloni *et. al.* Características do uso de métodos anticoncepcionais no Estado de São Paulo. **Revista de Saúde Pública**, 2002.

VILACAÑAS, José L.; ONCINA, Faustino. Introducción. *In*: KOSELLECK, Reinhart; GADAMER, Hans-Georg. **História y hermeneutica**. Barcelona: Paidós, 1997, p. 20.

WEID, Olívia Von Der. Perdoa-me por te trair: um estudo antropológico sobre a infidelidade feminina. **Revista Habitus**: revista eletrônica de graduação em Ciências Sociais – IFCS/UFRJ, Rio de Janeiro, v. 2, n. 1, p. 49-50, 2004.

ZAMPIERI, Ana Maria Fonseca. **Erotismo, sexualidade, casamento e infidelidade**: sexualidade conjugal e prevenção do HIV e da AIDS. São Paulo: Ágora, 2004.

ZIRBEL, Ilze. Ondas do feminismo. **Blogs de Ciência da Universidade Estadual de Campinas**: Mulheres na Filosofia, v. 7, n. 2, p. 10-31, 2021.